

MULHERES
EM CONTEXTO
DE PANDEMIA



50.º Aniversário do
Dia Internacional das Pessoas Ciganas

| | |
|---|----|
| Editorial | 2 |
| Artigo de personalidade convidada | 6 |
| Vozes Ciganas no feminino em contexto de pandemia | 9 |
| Entrevista a Marisa Oliveira | 10 |
| Entrevista a Marta Afonso | 13 |
| Entrevista a Ana Faneca | 16 |
| Entrevista a Ana Paula | 22 |
| Divulgação | 24 |
| I) Destaque | 24 |
| II) Associativismo | 27 |
| III) Projetos | 29 |
| IV) Eventos e relatórios nacionais e internacionais | 39 |

Contactos:

Observatório das Comunidades Ciganas
Alto Comissariado para as Migrações, I.P.
Rua Angelina Vidal, n.º 41, Piso 1
1199-005 Lisboa
Tel. (+351) 218106145
Fax (351) 218106117
E-mail: obcig@acm.gov.pt
Site: www.obcig.acm.gov.pt



Mulheres e relações de poder nos espaços doméstico, comunitário e esfera pública

2

Faço parte dos seres humanos biológica e culturalmente definidos como mulher na construção das relações de sociabilidade. Como cientista social, escolhi as relações de género enquanto relações de poder como uma das minhas problemáticas de investigação. Fi-lo pela consciência da existência de profundas desigualdades na distribuição social do poder nas suas diversas dimensões, com repercussões profundas na organização social dos quotidianos pessoais e profissionais das mulheres. Com efeito, sendo o género uma construção social, os papéis de género seguem ainda uma relação padronizada de subordinação feminina, travestida de uma igualdade que é, ainda, uma utopia (entendida esta como lugar em construção).

No entanto, um breve olhar pela legislação portuguesa e internacional evidencia a promessa de uma igualdade de género.

A Constituição da República Portuguesa, na alínea h) do seu Artigo 9.º define como tarefa fundamental do Estado “Promover a igualdade entre homens e mulheres.” Na alínea b) do ponto 1 do seu Artigo 58.º (Direito ao Trabalho), defende “A igualdade de oportunidades na escolha da profissão ou género de trabalho e condições para que não seja vedado ou limitado, em função do sexo, o acesso a quaisquer cargos, trabalho ou categorias profissionais.” O Código Civil, no ponto 1 do Artigo 1671.º (Igualdade dos cônjuges), refere que: “O casamento baseia-se na igualdade

de direitos e deveres dos cônjuges.” E, a nível internacional, o Artigo 5.º da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres da ONU, refere que “Os Estados Partes tomam todas as medidas apropriadas para: a) Modificar os esquemas e modelos de comportamento sociocultural dos homens e das mulheres com vista a alcançar a eliminação dos preconceitos e das práticas costumeiras, ou de qualquer outro tipo, que se fundem na ideia de inferioridade ou de superioridade de um ou de outro sexo ou de um papel estereotipado dos homens e das mulheres.”

Mas apesar de tanta e tão boa normatividade legal-formal, a igualdade de género em exercício continua uma utopia. Continua a ser profundamente difícil desconstruir os mecanismos estruturais que estão na base da subordinação de género; continua a existir desigualdade salarial para o desempenho das mesmas funções; continua a reprodução da força de trabalho ao nível da esfera doméstica a ser, maioritariamente, uma responsabilidade feminina. Talvez porque essa subordinação seja funcional às sociedades, seja funcional ao mercado de trabalho, aumentando exponencialmente o lucro dos empresários e dos accionistas; talvez porque a mulher ainda não conseguiu libertar-se dos condicionalismos sociais, onde a censura e a reprovação se inserem, para fugir aos papéis de género e serem simplesmente seres humanos em igualdade de direitos e de circunstâncias.

3

E sim, é uma questão de distribuição de poder. E apesar de o poder não se encontrar sempre do mesmo lado, nem se apresentar como homogéneo no seu exercício, quer em termos do montante, quer em termos da sua tipologia, ele é, ainda, uma prerrogativa masculina.

No que concerne às mulheres ciganas, num estudo que realizei¹, construí algumas categorias de análise da realidade que evidenciou o que designei de uma *subordinação subordinante* e de uma *dominação subordinada*² nas relações de género dentro de cada um dos contextos de vivência quotidiana (familiar, comunitário, escolar e laboral). Essas categorias são explicitáveis não apenas através de determinantes estruturais (onde o conceito de dominação, nomeadamente da dominação masculina, ganha particular relevância), mas também das agências (com consciência) e das subjectividades dos diversos sujeitos-actores em presença e em confronto, no seu duplo estatuto de cidadãos e cidadãs de um Estado e de membros de uma comunidade pertencente a um dado grupo sócio-cultural. Mas nesta gradatividade de dominações e subordinações, foi visível que o *poder na sua forma expressa* era uma prerrogativa masculina e o *poder na sua forma oculta* era uma prerrogativa feminina. E a subordinação

¹ Casa-Nova, Maria José (2009) *Etnografia e produção de conhecimento. Reflexões críticas a partir de uma investigação com ciganos portugueses*. Lisboa: ACIDI, in <https://www.obcig.acm.gov.pt/-/coleccion-olhares-n-8>

² Entendo por *dominação subordinada* uma dominação que tem implícita um certo tipo e um certo grau de subordinação ao género oposto e por *subordinação subordinante* uma subordinação que tem implícita um certo tipo e um certo grau de dominação do género oposto. Neste sentido, existe uma *dominação subordinada* quando a dominação se sobrepõe à subordinação e uma *subordinação subordinante* quando a subordinação se sobrepõe à dominação (Casa-Nova, 2009).

subordinante está para o exercício do poder na sua dimensão oculta, como a dominação subordinada está para o exercício do poder na sua dimensão expressa (Casa-Nova, 2009).

A existência de um maior poder oculto por parte do género feminino evidencia as relações de subordinação mulher-homem existentes, significando que as mulheres ainda não encontraram formas de construção de contextos e processos de exercício do poder na sua forma expressa, mas encontram formas de vivenciar a cidadania quando pensada em termos das suas experiências quotidianas, embora frequentemente sem afrontar a autoridade masculina, principalmente ao nível da esfera pública, contornando-a através de práticas onde o seu poder é exercido de forma invisível ao olhar masculino, concedendo a este a ilusão de total dominação sobre o género oposto. Isto significa que as mulheres ciganas, vivendo em contextos de subalternidade ao género masculino em maior grau do que as mulheres pertencentes à sociedade maioritária, constroem formas e processos de vivência de uma autonomia relativa, fugindo assim conscientemente a uma dominação patriarcal que se apresenta como natural dentro do grupo sócio-cultural a que pertencem.

Nos últimos anos, o associativismo cigano feminino tem desempenhado um papel fundamental na autonomização das mulheres, como é visível na voz da Marisa Oliveira nesta Newsletter: “O papel muito importante que as associações de mulheres ciganas tem tido é o empoderamento da mulher cigana”, ou na voz da Ana Faneca: “Até há muito pouco tempo o papel da mulher [cigana] cingir-se-ia ao desenvolver ou realizar as tarefas domésticas, a partir do momento em que existem estas iniciativas [de empoderamento, ao nível do associativismo cigano], a mulher começa a ter o desejo de dizer ‘eu quero mais, eu posso mais’.”

As vozes das mulheres presentes nesta Newsletter, desvelam simultaneamente o papel do associativismo cigano feminino, mas também um pouco da desigualdade de que falamos. São vozes que “mexem” com a leitora e o leitor sobretudo pela imensidão da dádiva aos outros seres humanos que fazem parte das suas vidas quotidianas, sejam os maridos, os filhos ou os netos, anulando-se nessa dádiva. É sobretudo dos outros que falam e não de si. E é esta dádiva permanente que faz parte do quotidiano das mulheres, ciganas e não ciganas, numa generosidade que frequentemente as anula enquanto seres humanos, invisíveis ao olhar dos outros e, frequentemente, ao seu próprio olhar, desempenhando o papel que a sociedade construiu para si, mas que aparece como natural. E o contexto actual da pandemia veio agudizar esta desigualdade naturalizada.

Vamos escutar as vozes destas mulheres e procurar transformar o social nas diferentes esferas que o constituem. Porque a igualdade entre todos os seres humanos é, não só uma urgência, mas um imperativo ético.

Importa construir uma outra via de igualdade relativamente diferente ao ideal actualmente em construção: que cada ser humano deixe de ser perspectivado a partir de um corpo genderizado, mas apenas a partir do ideal de “ser humano em relação de igualdade”.

Maria José Casa-Nova

Coordenadora do Observatório das Comunidades Ciganas



Há boas notícias? Comunidades ciganas, Mediadores e o Direito Social à Educação

As reportagens que os media realizaram recentemente têm tido o poder de uma denúncia forte sobre as condições em que vivem as comunidades ciganas em Portugal. Ao mesmo tempo, fica a visão de uma comunidade residente no Alentejo que pretende seguir as oportunidades de uma educação escolar e de vias de trabalho que possam ser abertas pela sua frequência. O papel de mediadores educativos e o seu discurso surge como anunciador de uma aproximação e estímulo à frequência e sucesso escolares. Ouvem-se as vozes, sobretudo de jovens raparigas, que se referem às expectativas que mantêm para poderem prosseguir vidas de trabalho e profissionais distintas das gerações anteriores.

Ao ouvir estas reportagens, fica um momento de emoção por esta visibilidade e por ouvir as suas vozes a denunciar as condições de discriminação, a fazer ouvir as aspirações, a perceber que há quem dentro das comunidades ciganas esteja disposto a lutar pelos seus direitos dentro do estado.

Que diria T.H. Marshall e os teóricos sobre igualdade e direitos a propósito desta audição das jovens ciganas? Que direitos civis estão concretizados? E quanto a direitos políticos? E a educação, como direito social, para além de outros? Ainda frágeis, certamente. E os culturais, no reconhecimento da diversidade cultural e de género (Arnot 2009), e reconhecimento de igualdade de minorias, quer étnicas, quer de orientação sexual, como Iris Young (2000) ou Ken Plummer (2003) propõem?

Num trabalho anterior, no princípio dos anos 2000, um grupo de pesquisadoras focou percursos de mulheres e raparigas ciganas dentro do sistema educativo³ que estavam a ‘sobreviver’ na escola, para além do 1º e do 2º ciclos do ensino básico. A pesquisa realizada com raparigas a frequentar o 3º ciclo e, também, com mulheres adultas a frequentar o ensino recorrente, apontava para projetos de autonomia face a aspectos mais constrangedores nas suas vidas, expectativas de construção de percursos diferentes dos que reconhecem no grupo étnico de origem e uma procura de cruzar as suas culturas com culturas diferentes. Ouvir as vozes destas raparigas, como expressão de autonomia e como expressão do seu interesse para que haja mudanças nas suas vidas, fazia perceber a sua aspiração a uma cidadania que as incluísse, ao mesmo tempo que se procurasse combater a existência de formas de “racismo de indiferença”, que uma das entrevistadas sintetizou desta forma: “Estar e não ser falada, estar e sentir que não é vista, estar e ser sentida como estranha, ser vista, ter a consciência que foi reconhecida e não ser integrada são consideradas pela própria como formas de racismo, pela sua origem cigana” (Araújo *et al* 2002: 157).

Esta mesma preocupação está presente na obra de Laura Fonseca *Justiça Social e Educação – Vozes, silêncios e ruídos na escolarização das raparigas ciganas e payas, (2009)*, que incide sobre feminilidades jovens à entrada do século XXI. A obra foca as experiências e subjetividades de raparigas, no enquadramento das teorias de justiça social e dos debates sobre redistribuição, reconhecimento e participação. Trata-se de narrativas biográficas de jovens raparigas, ciganas e lusas. Percebe-se pelas suas narrativas que as jovens de origem cigana são cautelosas em relação a assumir a sua cultura, pela forma como se sentem projetadas como ‘diferentes’ e frequentemente excluídas. A autora sublinha o “deficit de incumprimento da escola pública” e a necessidade da construção de um “*espaço público heterógeneo*, de modo a construir vidas *mais determinadas e autónomas*”. É relevante que a experiência escolar permita ultrapassar os “dilemas de ‘dupla consciência’ e de ‘dupla voz’, muitas vezes pondo de parte a sua própria voz” (Fonseca, 2009: 389).

Outros estudos, como os de Maria José Casa-Nova (2009; 2020), têm apontado, de forma intensa e de grande visibilidade, para o carácter parcial das nossas democracias, sobretudo quando direitos não são respeitados nem concretizados e ficam visíveis as ondas de exclusão e de racismo, nomeadamente no que diz respeito às comunidades ciganas.

O recente documento da EU (2020) *A Union of Equality: EU Roma strategic framework for equality, inclusion and participation* projeta as linhas de intervenção europeia, para o período 2020-2030, com um novo enquadramento em torno das comunidades ciganas, em que se acentuam as questões da igualdade, da inclusão sócio-económica e da participação, com a finalidade de proteger as suas minorias do racismo e da discriminação, acentuando que é necessário promover a diversidade como “um maravilhoso presente que torna a Europa forte e resiliente” (COM

³ Projeto Ciganas e *Padjas* – Em Busca de um Encontro Intercultural (FCT, PBICT/C/CIG/2876/98).

2020: 1)⁴. Prevenir a discriminação e o antigipsismo, reduzir a pobreza e a exclusão sociais, promover a participação, através do *empowerment*, cooperação e confiança, melhorar o acesso igual a uma educação para todos/as, para além da melhoria dos cuidados de saúde e de habitação são metas centrais e que nos fazem pensar num tempo mais esperançoso e com mais igualdade.

Helena C. Araújo

Investigadora do CIIE (Centro de Investigação e Intervenção Educativas), FPCE-UP

Referências Bibliográficas

Araújo, Helena C., Fonseca, Laura, Magalhães, Maria José, Leite, Carlinda (2002). Em Busca da Interculturalidade entre Mulheres Ciganas e *Padjas* na Educação, *ex-aequo*, 7, 149-161.

Arnot, Madeleine (2009). *Educating the Gendered Citizen – sociological engagements with national and global agendas*. Londres: Routledge.

Casa-Nova, Maria José (2009). *Etnografia e produção de conhecimento: reflexões críticas a partir de uma investigação com ciganos portugueses*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural.

Casa-Nova, Maria José, Tagliaventi, Maria Teresa & Moreira, Maria Alfredo (2020). *School Education, Minorities and Life Opportunities - Roma inclusive school experiences*. Famalicão: Humus.

COM (2020) *A Union of Equality: EU Roma strategic framework for equality, inclusion and participation*. Bruxelas: EUROPEAN COMMISSION.

<https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/ALL/?uri=COM:2020:620:FIN>

Fonseca, Laura (2009). *Educação e Justiça social – vozes, silêncios e ruídos na educação escolar de raparigas ciganas e payas*. Porto: Afrontamento.

Marshall, T. H. (1950). *Citizenship and Social Class and Other Essays*. Cambridge: University Press.

Plummer, Ken (2003). *Intimate Citizenship. Private Decisions and Public Dialogues*. Washington: University of Washington Press.

Young, Iris M. (2000). *Inclusion and Democracy*. Oxford: Oxford University Press.

⁴ Statement by President von der Leyen, Vice-President Jourová and Commissioner Dalli ahead of the 2020 Roma Holocaust remembrance day.

Vozes Ciganas no feminino em contexto de pandemia

Na primeira Newsletter de 2021 do Observatório, ouvimos vozes femininas no seu papel ao combate diário à pandemia, bem como o papel do associativismo feminino.

Através destes contributos, procuramos conhecer e compreender melhor as consequências da COVID-19 na vida de mulheres portuguesas ciganas, nas suas atividades e desafios do dia-a-dia, em contexto pessoal, familiar, profissional e comunitário.

Relativamente à metodologia, atendendo à situação da COVID-19, optou-se pela realização de entrevistas, em março de 2020, através da apresentação do guião numa reunião em formato *online*, do seu envio por *e-mail* e da resposta registada em vídeo pelas participantes.

Participantes:

- Marisa Oliveira, Mediadora do Programa OPRE e Vice-Presidente da Associação Ribalta Ambição
- Marta Afonso, Agricultora e Participante do Projeto Aceder
- Ana Faneca, Jurista no Alto Comissariado para as Migrações, I.P. e Estudante de Mestrado
- Ana Paula, Participante do Projeto Literacia para a Democracia

ENTREVISTAS



10

Marisa Oliveira, Mediadora do Programa OPRE e Vice-Presidente da Associação Ribalta Ambição

[Ver vídeo \(Parte I\)](#)

Marisa Oliveira (MO): Olá, eu sou Marisa Oliveira, sou da cidade da Figueira da Foz. Sou mediadora do programa OPRE, ciganos no ensino superior e sou Vice-Presidente da Associação de mulheres ciganas – Ribalta Ambição.

Observatório das Comunidades Ciganas (ObCig): Em que medida a pandemia afetou o seu dia-a-dia como mulher?

MO: Onde a pandemia me afetou bastante foi a nível profissional, no meu trabalho. Como mediadora o meu trabalho consta em visitar os alunos nas suas terras e nas Universidades, juntamente

com as suas famílias. Saber das suas necessidades e dos seus problemas e, pronto, tentar ajudá-los. Com esta situação toda da pandemia tive de mudar toda a minha forma de trabalho e arranjar estratégias para conseguir

“ Onde a pandemia me afetou bastante foi a nível profissional, no meu trabalho.

continuar o meu trabalho e conseguir ajudar os meus alunos. Neste caso, começámos a trabalhar via online, é um trabalho que não gosto muito, muito cansativo, porque gosto de estar presencialmente com os meus alunos e com as suas famílias. Gosto de conviver e tudo isto, por estar em casa, por estar fechada, tudo isto a nível psicológico afetou-nos bastante. Não podermos estar com as pessoas que a gente gosta, os nossos familiares... E tudo isto nos fez mal.

ObCig: O que acha que poderia ser feito para diminuir os efeitos da pandemia no quotidiano?

MO: Para diminuir os impactos na pandemia acho que os feirantes deviam ter sido mais apoiados, principalmente a comunidade cigana. Porque visto que não têm muito estudos, não conseguiram ir buscar os apoios do Estado. No fundo, alguns nem sabiam como tratar e ficaram completamente desprevenidos. A pandemia aconteceu, ninguém estava à espera e apanharam-nos completamente desprevenidos e era o único meio de sustento que eles tinham. E passaram mesmo muito mal, passaram mesmo muitas dificuldades. Inclusive em relação a nós, associações, tentámos ajudar algumas famílias. Não estava a ser fácil por não conseguirem mexer na internet. Era mesmo difícil chegar até alguns. Alguns conseguimos através de via telefónica ou através de mediadores ou pessoas que trabalham no nosso meio, conseguimos chegar a algumas famílias. Conseguimos ajudar com alimentos, conseguimos ajudar crianças. Mas infelizmente não conseguimos ajudar todos. Pois também não tínhamos condições para isso, era muito difícil. Neste caso aqui foi bastante importante o trabalho dos mediadores. Os mediadores, neste caso, ajudaram bastante as crianças, porque com este confinamento e, sem escola, as crianças ficaram em casa. Infelizmente muitas crianças não tiveram acesso à internet, aos computadores... E neste caso aqui houve os anjinhos, que eu digo que são estes mediadores, que são uma bênção que estão na vida destas crianças e de muitas famílias, iam às escolas, falavam com os professores. Iam buscar os trabalhos de casa, iam às casas das famílias levar os trabalhos de casa para as crianças poderem fazê-los. Visto que estávamos numa situação tão difícil, não podíamos sair para a rua, que é mesmo assim, com esta pandemia, onde todos tínhamos medo de todos, com medo de apanhar o vírus e, os mediadores, eles, perderam esse medo e foram fazer esse trabalho no sentido de preocupação com os estudos e o acompanhamento de todas

“ Com esta situação toda da pandemia tive de mudar toda a minha forma de trabalho e arranjar estratégias para conseguir continuar o meu trabalho.

“ ... acho que os feirantes deviam ter sido mais apoiados, [...] visto que não têm muito estudos, não conseguiram ir buscar os apoios do Estado. [...] alguns nem sabiam como tratar e ficaram completamente desprevenidos.

“ Os mediadores, [...], ajudaram bastante as crianças, porque com este confinamento e, sem escola, as crianças ficaram em casa. Infelizmente muitas crianças não tiveram acesso à internet, aos computadores....

estas crianças e suas famílias. Muitas das vezes também, nós como associação, quando ajudávamos noutras cidades com alimentos, quem se disponibilizou para levar esses alimentos, visto que nós estávamos longe e não podermos sair de casa, os próprios mediadores é que iam à casa das famílias levar esses alimentos e medicação. Coisas que nós ajudámos também com medicação. A nossa associação, juntamente com associações do país, e os próprios mediadores é que fizeram esse papel. Acho que os mediadores deveriam ser mais valorizados. São muito importantes, os mediadores, no papel dos estudantes, dos jovens e de famílias. São uma ponte, é uma ligação.

ObCig: Tem conhecimento de iniciativas desenvolvidas por associações de mulheres ciganas no combate à pandemia?

MO: O papel muito importante que as associações de mulheres ciganas tem tido é o empoderamento na mulher cigana. O nosso maior objetivo é empoderar a mulher cigana, dar-lhe voz, mostrar-lhes que elas também conseguem fazer tudo aquilo que elas querem ser no sentido do seu trabalho e dos seus estudos. Que elas conseguem alcançar os seus objetivos e os seus sonhos. E conseguem conquistar o seu espaço na sociedade. Tanto na sociedade maioritária como na comunidade cigana. Podem ser tudo aquilo que elas quiserem ser sem nunca deixarem de ser quem são.

ObCig: Gostaria de acrescentar mais alguma coisa que considere importante e que não tenha sido abordada?

Com tudo isto, dizer que a pandemia não foi fácil para todos nós, tanto para homens como para mulheres, para as suas famílias. Dizer que a mulher ela é forte, ela não desiste dos seus sonhos. Acredito que a mulher é das maiores forças da natureza e quando ela quer, ela consegue. Ela não desiste, ela vai à luta. Todas juntas seremos mais fortes.

ObCig: Muito obrigada pela colaboração!

“ Acho que os mediadores deveriam ser mais valorizados.

“ O papel muito importante que as associações de mulheres ciganas tem tido é o empoderamento na mulher cigana.

“ [As mulheres] conseguem conquistar o seu espaço na sociedade. Tanto na sociedade maioritária como na comunidade cigana. Podem ser tudo aquilo que elas quiserem ser sem nunca deixarem de ser quem são.

“ Acredito que a mulher é das maiores forças da natureza e quando ela quer, ela consegue. [...] Todas juntas seremos mais fortes.



Marta Afonso, Agricultora e Participante do Projeto Aceder

[Ver vídeo \(Parte I\)](#)

13

Marta Afonso (MA): Olá! Eu sou a Marta, sou do Fundão, já moro cá há muitos anos. Gosto de trabalhar na parte da agricultura. Sou agricultora, na parte dos trabalhos. E estou muito satisfeita com o emprego que me deram. E, pronto, é isso! E gostava mais de ver as minhas colegas, como a mim, também a serem encaminhadas.

Observatório das Comunidades Ciganas (ObCig): Em que medida a pandemia afetou o seu dia-a-dia como mulher?

MA: A pandemia veio-me a afetar como mulher nos seguintes casos: pronto, não estar a conviver com a família, não convivíamos com a família, estávamos muito tempo fechados. Isso veio a dar um bocado de stress à nossa vida. Pelo lado positivo, era bom, porque, pronto, eu como trabalhava na agricultura, na área do campo, continuei sempre a trabalhar. Nunca parei. E essa foi a mais-valia. E o que é que eu digo mais. Digo que veio a afetar-nos num sítio, mas também teve boas valias, no outro. E, pronto, e é isso que eu vos digo. Afetou um bocado porque, pronto, tinha os garotos em

“ ... Não convivíamos com a família, estávamos muito tempo fechados.[...] Pelo lado positivo, [...] como trabalhava na agricultura, na área do campo, continuei sempre a trabalhar.

“ Afetou um bocado porque, [...], tinha os garotos em casa e era muito stress.

casa e era muito stress. Éramos todos juntos e depois também não podíamos sair de casa, nem passear, nem andar em lado nenhum. O lado bom é que eu ia para o meu trabalho e convivia lá com as outras pessoas, porque era sempre ao ar livre. E é isso que eu tenho a dizer.

ObCig: Considera que a pandemia afeta de forma diferente homens e mulheres? Se sim, em que medida? Se não, porquê?

MA: Afetou os homens e as mulheres. Neste caso, foi igual, porque nem eu nem o meu marido podíamos sair de casa, nem os restantes colegas. E acho que foi tudo igual. E, pronto, foi isso. Afetou igual, tanto para os homens como para as mulheres. Não podíamos sair, não podíamos passear, não podíamos fazer nada. Éramos iguais e acho que a pandemia tanto afetou a ele como a mim. É isso que eu tenho a dizer.

ObCig: O que acha que poderia ser feito para diminuir os efeitos da pandemia no quotidiano?

MA: O que eu acho que podia ser feito para diminuir os efeitos da pandemia no dia-a-dia... Afetou muito o meu marido, porque ele ficou os dias todos fechado, ele fazia os seus biscatezitos nas suas vendas e esteve muito tempo fechado e está um bocado... Muito saturado, porque perdeu os clientes e já não tem a mesma vontade de ir. Porque ficou muito tempo fechado, e sem motivo, sem motivação. Não tem motivação. E afetou a ele muito mais do que a mim. Muito mais. E sente-se mais em baixo do que eu. Porque eu vou para o meu trabalho e convivo com os meus colegas, e tenho lá o meu trabalho e deixo lá o meu stress. Ele não. Ele está sempre em casa e continua muito mais stressado e isso afetou-o muito. É isso que eu tenho a dizer.

ObCig: Tem conhecimento de iniciativas desenvolvidas por associações de mulheres ciganas no combate à pandemia?

MA: Se tenho conhecimento de associações de mulheres ciganas, não tenho conhecimento. O nosso Fundão é um bocado... Está muito atrasado, além dos outros lados. Não tenho conhecimento nenhum de que as ciganas tenham uma associação cá no nosso Fundão. Não tenho. Gostaria de ter e gostaria também de

“ Afetou igual, tanto para os homens como para as mulheres.

“ Afetou muito o meu marido, porque ele ficou os dias todos fechado, ele fazia os seus biscatezitos. [...] perdeu os clientes e já não tem a mesma vontade...

“ ...Trabalhar é bom. [...] ter o próprio dinheiro, não dependemos de ninguém. [...] E aquela força que vem de dentro fala mais alto. Gostava muito que houvesse uma associação cigana no nosso Fundão.

“ Havia de haver mais apoio às comunidades ciganas, a essas mulheres que querem trabalhar e começarem do princípio.

participar, a lidar, para essas mulheres... Para haver essa associação cá no Fundão. Porque eu também gostaria de ajudar a gerir, a lidar com elas, a tentar abrir-lhes os olhos, porque trabalhar é bom e a gente ter o próprio dinheiro, não dependemos de ninguém. E também convivemos com outras pessoas. E aquela força que vem de dentro fala mais alto. Gostava muito que houvesse uma associação cigana no nosso Fundão. Gostava imenso.

ObCig: Gostaria de acrescentar mais alguma coisa que considere importante e que não tenha sido abordada?

MA: Havia de haver mais apoio às comunidades ciganas, a essas mulheres que querem trabalhar e começarem do princípio. Apoiarem-nas, porque algumas delas nunca trabalharam e é difícil uma pessoa que nunca trabalhou tentar integrar-se juntamente com as outras pessoas. Havia de haver um apoio especial para elas, também com os direitos dignos que elas merecem. Pronto.

Trabalhos dignos, ou seja, legais, que tenham as condições que todas as outras pessoas têm. E que também deixassem de parte a parte de serem ciganas. E darem uma oportunidade a elas. Acho que haviam de começar também por aí. Pelo menos. Começar do zero. As que valesse a pena passavam à fase seguinte, as que não valesse a pena ficavam logo por ali. Mas eu gostaria muito que houvesse uma oportunidade para essas mulheres ciganas. E, pronto, é isto.

“ **Havia de haver um apoio especial para elas, também com os direitos dignos que elas merecem. [...] Trabalhos dignos, ou seja, legais, que tenham as condições que todas as outras pessoas têm.**

ObCig: Muito obrigada pela colaboração!



Ana Faneca, Jurista no Alto Comissariado para as Migrações, I.P. e Estudante de Mestrado

16

[Ver vídeo \(Parte II\)](#)

Ana Faneca (AF): Olá, o meu nome é Ana Faneca, tenho 24 anos e vou falar um pouquinho sobre aquilo que foram as consequências da pandemia na vida das mulheres e, em particular, referir-me aqui um bocadinho às mulheres ciganas. Começando, não me vou cingir muito à minha experiência, uma vez que os impactos que eu mais senti foram mais ao nível académico, uma vez que me encontrava apenas a estudar e, portanto, a única, não foi o único, mas o impacto que mais senti, para além daqueles que são transversais a todos nós, foi mesmo o da transição do ensino presencial para o ensino à distância.

“ ... O impacto que mais senti, [...], foi mesmo o da transição do ensino presencial para o ensino à distância.

Observatório das Comunidades Ciganas (ObCig): Em que medida a pandemia afetou o dia-a-dia das mulheres?

AF: Mas agora falando aqui mais propriamente dos impactos negativos, o que significou a pandemia na vida, no quotidiano das mulheres... Eu sou da opinião de que efetivamente a pandemia da COVID afetou de forma diferente homens e mulheres. Veio como que alargar o fosso existente entre homens e mulheres, ou seja, a disparidade de género que existia até então e que tem sido base de lutas e lutas diárias, veio aumentar com a pandemia. Relativamente a isto, concretizando isto, podemos dizer que... E isto tudo com base em estudos, dados adquiridos, estatísticas, dos quais resultou provado que, a vários níveis do quotidiano, a mulher resultou mais afetada de forma negativa pela COVID-19, pelos efeitos da COVID-19. Digamos, os efeitos colaterais. Não os efeitos do próprio vírus, mas efeitos decorrentes da crise que a pandemia despoletou a nível mundial. Portanto, assim sendo, podemos começar já, por exemplo, a falar a nível do trabalho, houve claramente uma redução de horas de trabalho, as mulheres por estarem sobre representadas nos setores mais afetados pela crise de bens não essenciais como, por exemplo, restaurantes, cabeleireiros, estéticas e afins, ficaram numa posição de mais vulnerabilidade ao risco de perderem emprego em primeira linha. Por outro lado, tiveram também... uma percentagem maior de mulheres ficou mais exposta ao contágio da COVID, isto porque elas constituíram a grande parte dos profissionais de saúde, portanto, que estavam na linha da frente no combate à COVID. E por outro lado, isto falando em termos, limitando-nos ao círculo, à esfera da União Europeia, tivemos conhecimento que 30% das mulheres, da população feminina, e neste caso mulheres da União Europeia, exercia uma atividade da economia informal. Ou seja, exerciam uma atividade que não estaria coberta por nenhum vínculo formal. Isto significaria e significa, nos casos que ainda existem, ausência de direitos laborais, não ter acesso a quaisquer prestações de índole social, saúde... e portanto, aqui, as trabalhadoras ficam completamente desprotegidas, uma vez que não existe aquele vínculo formal que as capacita com direitos, exigir os seus direitos. Por este motivo também, em maior escala do que os homens, comparativamente aos homens, as mulheres foram afetadas pela COVID. E nisto, falando sempre, mais afetadas, pelos efeitos decorrentes da COVID. Teve um impacto muito mais negativo nas suas vidas. Quando não perderam os seus empregos, viram os seus horários reduzidos, isto significa consequentemente uma redução de salários.

“ **Eu sou da opinião de que efetivamente a pandemia da COVID afetou de forma diferente homens e mulheres.**

“ **... as mulheres por estarem sobre representadas nos setores mais afetados pela crise. [...] ficaram numa posição de mais vulnerabilidade ao risco de perderem emprego em primeira linha.**

“ **[As mulheres] quando não perderam os seus empregos, viram os seus horários reduzidos, isto significa consequentemente uma redução de salários.**

Para além desta questão das disparidades, a nível do trabalho, o confinamento levou a que os casos de violência doméstica e, aqui, violência doméstica refiro-me aos casos de violência doméstica apenas aos casos específicos em que as vítimas são as mulheres, estamos a falar de mulheres, porque o crime de violência doméstica não abarca como vítimas unicamente as mulheres, mas aqui reportamo-nos às mulheres. Provado ficou que, desde o início da pandemia até aos dias de hoje, os casos de violência doméstica aumentaram exponencialmente. Isto como resultado claro do confinamento. Porque as vítimas passaram a estar mais tempo em casa junto dos seus agressores. E, por outro lado, ficaram também mais... tiveram, enfrentaram mais dificuldades em denunciar estas situações e em obter ajuda. Na própria obtenção de ajuda por parte da vítima. Sendo assim, a meu ver, para além dos casos de violência de género que aumentaram bastante, das desigualdades a nível laboral, uma vez que no Espaço Comunitário Portugal representa a quinta posição, regista a quinta posição do país com maior impacto da pandemia no mercado de trabalho e onde as mulheres foram as mais afetadas. Assim sendo, as mulheres quando não perderam os seus empregos e tiveram oportunidade de transferir a sua atividade para um regime de teletrabalho, isto porque a atividade exercida o permitia e também estando os empregadores de acordo com isso, outras dificuldades se lhes apresentaram. E daí podemos chegar facilmente àquilo que é a conciliação entre trabalho, vida pessoal e vida familiar. Isto porque, por si só, o passar a estar a exercer a atividade laboral num ambiente completamente diferente, não diferente para si, mas diferente àquilo a que estaria habituada, ou seja, estar a trabalhar num ambiente familiar no contexto de casa por si só já é uma dificuldade, uma vez que inerente a esse mesmo ambiente estão várias distrações e a agravar o facto de terem encerrado escolas, creches, levou as crianças para casa, o que aumentou as eventuais distrações que pudessem enfrentar estas mulheres. E a que pudessem estar suscetíveis. Porque, para além de exercer o seu trabalho, tiveram uma sobrecarga, digamos assim, de responsabilidades e de peso sobre si mesmas, uma vez que, não obstante existirem casos em que exista uma posição de igualdade, uma ajuda e uma entreaajuda entre casais, verificou-se que na maior parte dos casos isso não se observou e que a mulher passou a ter sobre si um peso acrescido, o peso de ter que se familiarizar com um novo método de trabalho e a par disso ter que acompanhar os filhos, que também eles enfrentaram um período de transição, de

“ ... não obstante existirem casos em que exista uma posição de igualdade, [...], verificou-se que na maior parte dos casos isso não se observou e que a mulher passou a ter sobre si um peso acrescido.

“ ...ter que se familiarizar com um novo método de trabalho e a par disso ter que acompanhar os filhos, que também eles enfrentaram um período de transição, de um ensino 100% presencial para um ensino 100% à distância...

“ ...tudo isto significou um impacto deveras negativo que colocou em causa a saúde e o bem-estar da mulher, não só físico, mas mental.

um ensino 100% presencial para um ensino 100% à distância, portanto necessitaram desse apoio, desse acompanhamento, e as mães aqui, as mulheres tiveram um papel fundamental nesse acompanhamento. Para além de terem de realizar todas as tarefas domésticas e eventualmente serem cuidadoras de crianças ou jovens ou pessoas deficientes que tivessem a cargo, de idosos, por exemplo. E, portanto, tudo isto significou um impacto deveras negativo que colocou em causa a saúde e o bem-estar da mulher, não só físico, mas mental.

E se, por um lado, a pandemia evidenciou o potencial que tem o trabalho digital, por outro lado, sem o funcionamento das estruturas de apoio às crianças, aos deficientes, aos idosos, a conciliação dos vários fatores, sejam eles profissional, pessoal, familiar da vida da mulher, foi levada ao extremo, pelo facto de que em termos gerais não se verificou, pelo menos não tanto quanto aquilo que gostaríamos ou que seria natural, essa paridade entre géneros, essa divisão de tarefas, esse apoio, essa ajuda, como as tarefas da casa, com as crianças, o cuidado, o acompanhamento... E, portanto, nestes sentidos creio que se verificou e esteve patente essas desigualdades da forma como os efeitos da pandemia se repercutiram na vida das mulheres, comparativamente aos homens.

ObCig: Tem conhecimento de iniciativas desenvolvidas por associações de mulheres ciganas no combate à pandemia?

AF: E assim, creio ser de máxima importância o papel do associativismo feminino, uma vez que este funciona como um espaço de partilha de informação, ou seja, para aquilo, para o segmento que é representado pela associação, neste caso as mulheres, portanto, partilha de informação específica, servindo para apontar os problemas específicos que as mulheres enfrentam, seja pela luta de igualdade de direitos, de tratamentos, seja a que nível for, e, neste caso específico serviram de apoio, pois as mulheres tiveram a oportunidade de ressaltar quais os problemas específicos por elas sentidos e por elas vividos, desafios, causados pela vivência no contexto da pandemia. O que leva depois à criação, pela coletividade, de estratégias em vista à resolução desses mesmos problemas. E mais do que isso, creio que é importante para que haja uma partilha de experiências vividas. Da própria mulher não sentir que está sozinha a enfrentar aquele desafio. Porque não está. Porque não é um problema só dela, é um problema que se verificou na generalidade das mulheres. E, portanto, o associativismo feminino serve para isso mesmo, para que juntas, no sentido de coletividade, poderem lutar em busca de reduzir as disparidades existentes seja a que nível for. E aqui falamos especificamente dos problemas que surgiram em contexto de pandemia e nas desigualdades verificadas em contexto de pandemia nos mais variados setores da

“ ...creio ser de máxima importância o papel do associativismo feminino, uma vez que este funciona como um espaço de partilha de informação. [...] servindo para apontar os problemas específicos que as mulheres enfrentam, seja pela luta de igualdade de direitos.

“ ...o associativismo feminino serve [...] para que juntas, no sentido de coletividade, poderem lutar em busca de reduzir as disparidades existentes seja a que nível for.

vida da mulher. E nesse sentido creio que o associativismo, como já referi, representa, tem um papel fulcral, mesmo na própria resolução desses problemas. Trata-se mesmo de uma luta constante. Identificar e criar estratégias de resolução e sobretudo encorajar sobre um espírito conjunto, de coletividade, lutar em busca de melhores condições. E nesse sentido creio que faz toda a diferença.

E aqui podemos falar de várias associações e, em particular, associações ciganas, que tiveram por base e promoveram iniciativas de empoderamento da mulher, o que sem dúvida alguma é muito importante, e, sobretudo no seio da comunidade cigana, onde muitas vezes o papel da mulher é reduzido ao mínimo. O facto de existirem estas iniciativas de empoderamento e de capacitação das mulheres não é bom, é extraordinário, porque tem de lhes ser dada a mesma importância que é dada aos homens. Porque têm o mesmo direito, seja a educação, o trabalho. Para além disso tem de haver aquela entreajuda e, portanto, estas iniciativas de empoderamento e de capacitação foram muito importantes, não só num contexto de vida normal, mas sobretudo até num contexto de vida em tempos da pandemia, faz toda a diferença. Representam um apoio muito grande para as mulheres ciganas, porque acredito mesmo, acredito piamente que o facto de existirem estas iniciativas e estas associações feministas que têm em vista este objetivo específico de empoderar e de ajudar na luta contra as desigualdades das mulheres no seio da comunidade cigana faz toda a diferença. Numa comunidade onde, e, por mim falo, porque eu sou cigana, numa comunidade onde até há muito pouco tempo atrás e como já referi o papel da mulher cingir-se-ia ao desenvolver ou realizar as tarefas domésticas, a partir do momento em que existem estas iniciativas, a mulher começa a ter o desejo de dizer “eu quero mais, eu posso mais”. E nós podemos, não estou sozinha, tenho um conjunto, eu tenho um apoio de outras mulheres que se encontram na mesma posição, mas que têm vontade de fazer mais, lutar para combater estas desigualdades e que se viram aumentadas a 300% com o despoletar desta pandemia. E, portanto, aqui creio que, aqui e em todos os aspetos, faz toda a diferença.

“ **O facto de existirem estas iniciativas de empoderamento e de capacitação das mulheres não é bom, é extraordinário, porque tem de lhes ser dada a mesma importância que é dada aos homens.**

“ **...numa comunidade onde até há muito pouco tempo atrás [...] o papel da mulher cingir-se-ia ao desenvolver ou realizar as tarefas domésticas, a partir do momento em que existem estas iniciativas, a mulher começa a ter o desejo de dizer “eu quero mais, eu posso mais”.**

20

ObCig: Gostaria de acrescentar mais alguma coisa que considere importante e que não tenha sido abordada?

AF: Por último, o que eu sugeria e que vai conduzir a tudo aquilo que eu já disse, creio que estes impactos negativos que representou a pandemia na vida da mulher poderiam ter sido reduzidos e minimizados se efetivamente estas estratégias estivessem, e foram eficazes, mas se tivessem tido um pouco mais de sucesso entre os seus pares, ou seja, tentarem inculcar a ideia de igualdade e de que efetivamente tem de haver esse apoio e essa ajuda. E isso tem de começar nos mais pequenos, na própria educação, uma vez que é um problema estrutural. A desigualdade é um problema, a desigualdade de género, ou seja, é algo que tem de ser combatido, começar da raiz. Não se pode tentar com estratégias simples. E, por último, isto irá reconduzir a tudo aquilo que eu já disse, creio que efetivamente tendo havido ou se tivesse existido efetivamente essa ajuda, esse pensamento de igualdade, a mulher, as mulheres não teriam sentido de forma tão negativa estes impactos causados pela COVID, sem dúvida alguma. Se tive havido mais entajuda, mais apoio e acompanhamento e a situação teria sido muitíssimo diferente.

E termino, assim, dizendo aquilo que todas nós sabemos ou deveríamos saber e ter sempre em mente, que todas juntas somos mais fortes e que lutando diariamente em conjunto por melhores condições, pelo reconhecimento dos nossos direitos e pela igualdade de tratamento, iremos conseguir, até mais rapidamente do que aquilo que possamos eventualmente pensar, alcançar essa mesma igualdade. Obrigada.

ObCig: Muito obrigada pela colaboração!

“ ...tem de começar nos mais pequenos, na própria educação, uma vez que é um problema estrutural. A desigualdade é um problema, a desigualdade de género, ou seja, é algo que tem de ser combatido, começar da raiz.

“ ... todas juntas somos mais fortes e que lutando diariamente em conjunto por melhores condições, pelo reconhecimento dos nossos direitos e pela igualdade de tratamento, iremos conseguir...”



Ana Paula, Participante do Projeto Literacia para a Democracia

22

[Ver vídeo \(Parte II\)](#)

Ana Paula (AP): Chamo-me Ana Paula, moro na Portela de Carnaxide, tenho 5 filhos e tenho 65 anos.

Observatório das Comunidades Ciganas (ObCig): Em que medida a pandemia afetou o seu dia-a-dia como mulher?

AP: Mudou muito. Temos muita dificuldade para trabalhar, que não podemos trabalhar, que andávamos na feira. As feiras fecharam. Tenho muitos netinhos em casa, vivo muito preocupada por causa de... Ando muito cansada, também, porque estamos fechados. Ali no bairro estávamos acostumados a estar um bocadinho na rua e já não conseguimos estar com medo do vírus. E olhe é uma coisa que me está a cansar muito.

“ ...Temos muita dificuldade para trabalhar. [...] As feiras fecharam. [...] Ando muito cansada, também, porque estamos fechados.

“ ... Com os meus netos todos em casa também é um cansaço muito grande. Eu trabalho mais. Faço mais comida, porque eles em casa comem mais.

Agora tenho mais trabalho com os meus netos todos em casa. O meu marido também está mais chato, porque está em casa, não consegue ir para a rua, também fica mais preocupado e eu canso-me mais. E eu tenho que andar com ele, porque o meu marido também não vê nada, quase, e não ouve bem. O meu marido é um homem doente. E com os meus netos todos em casa também é um cansaço muito grande. Eu trabalho mais. Faço mais comida, porque eles em casa comem mais. E, olhe, é um cansaço muito grande com esta epidemia. Estragou a vida de muita gente.

E agora há pessoas que, para venderem alguma coisinha, tem que ser pela net porque se não for assim também não têm dinheiro para por comida em casa. Andam a vender e sempre vão vendendo alguma coisinha enquanto as feiras não abrem.

As minhas filhas trabalham, mas agora, por causa da epidemia, não têm trabalhado. Uma, que é cabeleireira, vai entrar agora, na segunda-feira. E ter estado este tempo todo em casa, para elas, foi uma dificuldade muito grande. Uma, a mais velha, até ficou com uma depressão, de estar tanto tempo em casa e sem trabalho. E agora vamos lá ver quando houver a ordem para trabalhar. As pessoas já podem trabalhar. A ver se a chamam. Mas a cabeleireira já a chamaram. A outra como é a dias, as pessoas têm medo, por ela estar em casa das pessoas, por causa da epidemia. Ela está a esperar. Essa é que está com a depressão.

ObCig: Gostaria de acrescentar mais alguma coisa que considere importante e que não tenha sido abordada?

AP: Estamos à espera que venham melhores dias para a gente podermos estar à vontade na rua, podermos trabalhar, fazer a nossa vida. Melhores dias hão de vir, se Deus quiser!

ObCig: Muito obrigada pela colaboração!

“ **As minhas filhas trabalham, mas agora, por causa da epidemia, não têm trabalhado. [...] Uma, a mais velha, até ficou com uma depressão.**

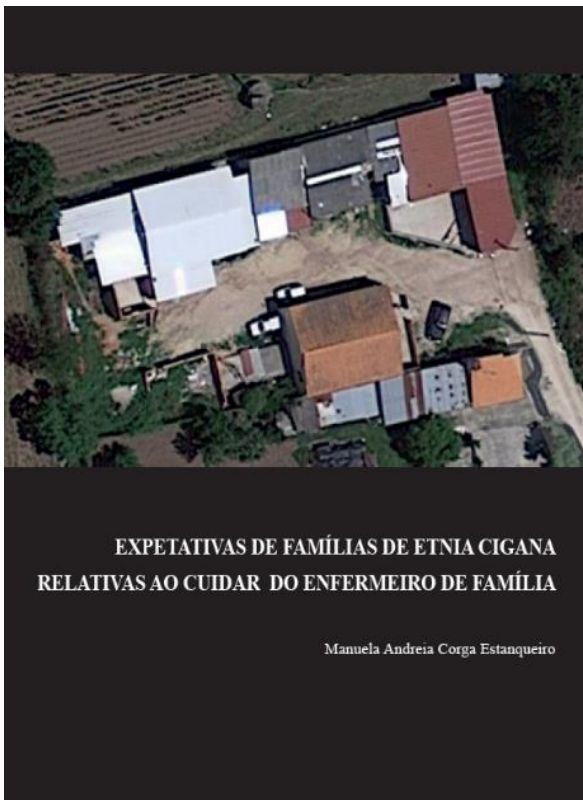
“ **Estamos à espera que venham melhores dias para a gente podermos estar à vontade na rua, podermos trabalhar, fazer a nossa vida.**

I) Destaque



Coleção Olhares

Em resultado de um edital de abertura de uma call para publicações na Coleção Olhares durante o ano 2020, publicou-se em dezembro de 2020 a dissertação de mestrado de Manuela Estanqueiro, com o título “Expetativas das Famílias de Etnia Cigana relativas ao Cuidar do Enfermeiro de Família”. O estudo assumiu o número 13 da “Coleção Olhares”, [em acesso livre em formato digital](#) no sítio institucional do Observatório das Comunidades Ciganas (ObCig) e com 300 exemplares em formato papel.



“Conversas com...”: "Habitação condigna e bons lugares: políticas e contextos"

Organizou-se e realizou-se, em formato online, a segunda sessão do Ciclo ObCig “Conversas com...”, no passado dia 25 de março de 2021, dedicada ao tema "Habitação condigna e bons lugares: políticas e contextos", tendo contado com a presença de Alexandra Castro, autora do [livro #9 da Coleção Olhares](#) “Na Luta Pelos Bons Lugares. Ciganos, visibilidade social e controvérsias espaciais”, e de Benjamim Barão, Mediador Intercultural em Moura. Cerca de 50 pessoas participaram na sessão.

On-line

25
MARÇO
2021
10H30
12H30

CONVERSAS com...
Habitação condigna e bons lugares:
políticas e contextos



Foto de Capa do Livro: Alexandra, Castro, 2016, Na Luta Pelos Bons Lugares. Ciganos, visibilidade social e controvérsias espaciais, Coleção Olhares, nº9, ObCig

O ciclo de “Conversas com...”, organizado pelo Observatório das Comunidades Ciganas (ObCig), visa debater, aberta e multidisciplinarymente, entre investigadores/as, mediadores Municipais e Interculturais, dirigentes associativos e estudantes universitários ciganos, um conjunto de problemáticas de interesse transversal e contemporâneo, tendo por base, nomeadamente, as temáticas estudadas nas publicações da Coleção Olhares. Estas Conversas, realizadas em formato on-line, pretendem constituir-se num espaço de interação e reflexão entre diferentes atores sociais, sustentando e enriquecendo discursos e práticas quotidianas.

Diálogo com
Alexandra Castro, Benjamim Barão
Mediado por
Inês Aydín

Inscrições até dia
24 de março em
obcig@acm.gov.pt





Tertúlia: “Ao redor da liberdade: Mulheres em contexto de pandemia”

No âmbito das comemorações do 50.º Aniversário do Dia Internacional das Pessoas Ciganas, o Observatório das Comunidades Ciganas (ObCig) e o Núcleo de Apoio às Comunidades Ciganas (NACI) organizaram uma tertúlia online, sobre mulheres em contexto de pandemia, que decorreu no dia 8 de abril, entre as 10 horas e as 12 horas. O objetivo da Tertúlia foi proporcionar a reflexão sobre o impacto da pandemia na gestão do quotidiano das mulheres ciganas.

08 de abril | 10:00 | 12:00

50.º aniversário do
Dia Internacional das Pessoas
Ciganas

Inscrição
através do *link*
na descrição

TERTÚLIA
Online

Ao redor da liberdade: Mulheres em contexto de pandemia

Participantes:
Marta Afonso
Natália Serrana
Helena Araújo
Teresa Vieira

Moderação:
Liliana Moreira

Encerramento:
Secretária de Estado para a Integração e as Migrações
Cláudia Pereira

Promovido por:



II) Associativismo

Associação TECHARI

No dia 21 de março de 2021, cuja data assinala o Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, a associação TECHARI esteve presente na manifestação contra o Racismo e a Discriminação em Lisboa.



A Associação TECHARI, em colaboração com Presidentes de Junta, participou no recrutamento de duas pessoas de etnia cigana a trabalhar nas Juntas de Freguesia de Sacavém, Camarate e São João da Talha.

No dia 8 de abril de 2021, a associação Techari organizou um pequeno evento no Bairro de Santo António em comemoração do Dia Internacional das Pessoas Ciganas.

Para mais informações: associacaotechari2020@hotmail.com

27

Sílaba Dinâmica

A associação Sílabas Dinâmicas em parceria com a associação Letras Nómadas e Ribalta Ambição realizou no dia 8 de março de 2021 uma sessão do dia da mulher, "Somos mulheres e ciganas do séc. XXI", com testemunhos de muitas mulheres ciganas de diferentes regiões de Portugal e também de Espanha: "Uma conversa que mostra bem o que já foi feito e o que falta fazer para alcançar a igualdade de género, deixando também a mensagem que o dia da mulher são todos os dias que lutamos pela igualdade". Ver [aqui](#) o debate.



O projeto "Futebol de rua contra o racismo" pretende promover a sociabilização em ambiente extraescolar de crianças ciganas com crianças não ciganas, assim como aproveitar os momentos após os jogos de futebol, para promover palestras sobre várias temáticas, desde a importância da interculturalidade, mediação, diversidade cultural, história da cultura cigana, etc.



Para mais informações: silabadinamica@hotmail.com

Associação Letras Nómadas

O Programa ROMED - promovido pelo Alto Comissariado para as Migrações, I.P. e dinamizado pela Associação Letras Nómadas assinalou o Dia Internacional da Mulher, dia 8 de março de 2021, com a divulgação da campanha de postais digitais "Ser Mulher e Cigana", com o *design* de Natália Serrana. Esta campanha contou com a participação de 18 mulheres ciganas portuguesas, grande parte residentes e membros dos grupos ativos comunitários, nos municípios onde o Programa ROMED está a ser implementado. A campanha pretende projetar uma imagem da heterogeneidade e diversidade da "Mulher e Cigana", bem como da resiliência e orgulho na sua pertença cultural. Para ver toda a campanha seguir a página facebook do Programa ROMED:

<https://www.facebook.com/romedportugal>



Para mais informações: associacaoletrasnomadascigana@gmail.com

III) Projetos

ADILPOM – Associação de Desenvolvimento e Iniciativas Locais do Concelho de Pombal

Projeto: 3Is – Intervir, Inovar e Incluir

Atividade: “A minha árvore”



O Dia Mundial da Árvore e o início da Primavera foi assinalado pelo projeto 3Is – Intervir, Inovar e Incluir, no Bairro Margens do Arunca, em Pombal. Uma iniciativa dos 4 facilitadores que integram o projeto e que envolveu as crianças e jovens da comunidade cigana residente no bairro (Margens do Arunca). Com o objetivo de promover uma cidadania participativa e ativa, na preservação do meio ambiente a ação intitulada ‘A minha árvore’, envolveu a comunidade do bairro e responsabilizou 15 crianças (5 crianças por árvore), na plantação e nomeação de 3 árvores: O limoeiro - ‘Espremidinho, a laranjeira ‘Glamorosa’ e o loureiro ‘O Saboroso’, juntaram-se à efeméride. “Estamos muito felizes porque escolheram o nosso bairro (Margens do Arunca) para viver e crescer... O Nosso trabalho há-de dar frutos!” Os facilitadores (António, Érica, Liliana, Rodrigo) e as crianças do Bairro.

Para mais informações: cremilde.pinto@adilpom.pt

29

SOS Racismo

Atividade: Podcast "Viemos para ficar"

Entrevista a Olga Mariano com o tema: "Vivências e lutas pela igualdade do associativismo cigano"

Data: 12/01/2021

Aceder à entrevista através do seguinte link: <https://open.spotify.com/episode/3SowTKOMtBHHfzNxjsX6d1>

Para mais informações: sosracismoporto@gmail.com

SOS Racismo

Atividade: Comunicado de imprensa

Comunicado emitido depois das medidas especiais de confinamento enunciadas pela Câmara Municipal de Vila Verde da comunidade cigana local

Data: 26/01/2021

Aceder ao Comunicado através do seguinte link: <https://www.facebook.com/sos.rac/posts/4239208989441832>

Para mais informações: sosracismoporto@gmail.com

Amato Lusitano - Associação de Desenvolvimento

Projeto: InterCOOLTuras – Mediadores Municipais e Interculturais (POISE-03-4233-FSE-000036)



A Câmara Municipal de Castelo Branco, como entidade promotora e tendo como entidade parceira a Amato Lusitano – Associação de Desenvolvimento, lançou o projeto de Mediadores Municipais e Interculturais intitulado InterCOOLTuras que tem como objetivo o reforço da integração das populações mais vulneráveis, designadamente comunidades ciganas e comunidades migrantes, bem como o aprofundamento do diálogo intercultural entre as várias comunidades e a sociedade de acolhimento.

Pretende-se com este projeto promover redes e parcerias capazes de criar pontes entre cidadãos e instituições, através da mudança a partir de elementos presentes no território, unindo as diferentes sensibilidades, prevenindo o conflito ou, quando necessário, atuando sobre o mesmo numa atitude mediadora entre as partes.

As atividades promovidas pelo projeto intervêm em diversas áreas, tais como a educação, saúde, cultura, emprego, sendo que divulgamos algumas das ações que já foram realizadas junto da comunidade cigana do município de Castelo Branco.

Atividade: Conhecer para Intervir

A atividade "Conhecer para Intervir - As minorias étnicas na sociedade e no contexto global da Intervenção social " tem como objetivo a promoção de ações de sensibilização/informação junto dos agentes sociais locais (técnicos e colaboradores) sobre as especificidades das culturas nómadas minoritárias. Assim durante o mês de maio, serão realizadas duas formações online neste âmbito em parceria com o Alto Comissariado para as Migrações.

FORMAÇÃO ACM
Educação Intercultural na Escola

5 MAIO 2021
Horário: **09h00-13h00**
Duração: **4 horas (online)**
Formadora: **Ana Bela Lopes**

DESTINATÁRIOS/AS
Professores/as
Agentes Educativos

OBJETIVO GERAL
Refletir sobre o modo como a aprendizagem intercultural, enquanto processo transformativo das nossas próprias práticas, pode ser potenciado em contexto escolar.

PARA INSCRIÇÕES E/OU MAIS INFORMAÇÕES
272 325 126
intercoolturas@amatolusitano-ad.pt

FORMAÇÃO ACM
Diálogo Intercultural

17 MAIO 2021
Horário: **09h00-13h00**
Duração: **4 horas (online)**
Formador: **Jorge Cardoso**

DESTINATÁRIOS/AS
Dirigentes Associativos
Mediadores Socioculturais
Técnicos/as de Intervenção / Ação Social

OBJETIVO GERAL
Exercício de compreensão da diversidade cultural e da relação com os outros no mundo atual.

PARA INSCRIÇÕES E/OU MAIS INFORMAÇÕES
272 325 126
intercoolturas@amatolusitano-ad.pt

- "Educação Intercultural na Escola", tendo como destinatários professores e agentes educativos, a decorrer dia 5 de maio, das 09:00 às 13:00 horas;
- "Diálogo Intercultural", tendo com destinatários dirigentes associativos, mediadores socioculturais, técnicos de intervenção / ação social professores, estudantes e a comunidade em geral, a decorrer dia 17 de maio, das 09:00 às 13:00 horas.

Local: Castelo Branco, Amato Lusitano - Associação de Desenvolvimento

Para mais informações: 272 325 126 | intercoolturas@amatolusitano-ad.pt

Amato Lusitano - Associação de Desenvolvimento

Projeto: InterCOOLturas – Mediadores Municipais e Interculturais
(POISE-03-4233-FSE-000036)

Atividade: “Romani” – Comunidade Cigana Albicastrense

Esta atividade tem como objetivo reforçar o sentimento de pertença na comunidade e potenciar a coesão social e territorial através da criação de crónicas com particularidades e curiosidades da cultura cigana.

Estas crónicas são publicadas mensalmente, sob o título “A Voz do Cigano”, nos jornais “Gazeta do Interior” e “Reconquista”, tendo sido já abordados diversos temas, tais como:

- O saber do Ancião nas Comunidades Ciganas
- O casamento cigano
- O papel da Mulher na Comunidade Cigana
- Os Ciganos e a Escola
- A Religião na Comunidade Cigana
- O luto na Comunidade Cigana

Reveja as crónicas no seguinte link: <http://www.amatolusitano-ad.pt/media/noticias/>

Local: Castelo Branco, Amato Lusitano - Associação de Desenvolvimento

Para mais informações: 272 325 126 | intercoolturas@amatolusitano-ad.pt

Amato Lusitano - Associação de Desenvolvimento

Projeto: InterCOOLTuras – Mediadores Municipais e Interculturais (POISE-03-4233-FSE-000036)

Atividade: I Encontro da Cultura Cigana de Castelo Branco -Dia Internacional do Cigano



O projeto tem definido como uma das suas ações a organização anual de um Encontro alusivo à Diversidade Cultural e ao Diálogo Intercultural, como forma de assinalar o Dia Internacional do Cigano no dia 08 de abril de 2021 (quinta-feira). Nesta premissa encontramos-nos a organizar o I Encontro da Cultura Cigana de Castelo Branco, um evento online e que irá ser transmitido na página de Facebook da Amato Lusitano – Associação de Desenvolvimento.

Pretende-se com esta iniciativa mobilizar parcerias e sinergias para a comemoração da cultura cigana, estabelecer pontes entre as várias culturas, assim como revitalizar atividades tradicionais da comunidade cigana, de forma a potenciar a integração social, profissional e comunitária.

Neste sentido, estão idealizados vários temas que irão ser discutidos em painéis, tais como “O Caminho da Integração da Comunidade Cigana no distrito de Castelo Branco”, bem como a análise das vivências d’ “A Nova Geração de Ciganos”.

Local: Castelo Branco, Amato Lusitano - Associação de Desenvolvimento

Facebook: <https://www.facebook.com/amatolusitano>

Para mais informações: 272 325 126 | intercoolturas@amatolusitano-ad.pt

Amato Lusitano - Associação de Desenvolvimento

Projeto: InterCOOLTuras – Mediadores Municipais e Interculturais (POISE-03-4233-FSE-000036)

Atividade: “A Saúde veio ao meu Bairro”



A atividade “A Saúde veio ao meu Bairro” tem como objetivo promover cuidados de saúde existentes ao dispor da comunidade e progredir o conceito de saúde, no sentido preventivo. Promovendo o recurso a unidades móveis, de forma a incentivar a inscrição e frequência regular nos centros de saúde. Aprofundar as relações de proximidade entre os serviços de saúde e as comunidades minoritárias, apostando na prevenção e aumentando os ganhos em saúde das comunidades.



Trata-se de uma iniciativa para a promoção da saúde e prevenção da doença, com a realização de medições de tensão arterial, controlo de níveis de glicemia, bem como a sensibilização da comunidade cigana para áreas como a vacinação, planeamento familiar, higiene oral e nutricionismo, tendo sido também reforçado junto desta comunidade a importância das medidas de higiene e prevenção para o combate à atual pandemia.

Nesta ação, além dos mediadores municipais e interculturais pertencentes a este projeto, contamos com o apoio da equipa de enfermagem da Unidade de Cuidados na Comunidade de Castelo Branco e dos voluntários da Cáritas e Cruz Vermelha Portuguesa, na cedência e montagem de uma tenda de apoio. Esta atividade foi realizada em parceria com o projeto “Nós com os Outros” do programa Escolhas.

Participaram nesta ação 112 membros da comunidade cigana, pertencentes a 34 famílias e residentes em três bairros da cidade de Castelo Branco, entre eles, Bairro Portas do Sol, Bairro Henrique Carvalhão e Bairro de São Tiago, pelos quais foram distribuídos *kits* compostos por produtos de higiene básica, de saúde oral e alimentos saudáveis, nomeadamente fruta.

Local: Castelo Branco, Amato Lusitano - Associação de Desenvolvimento

Para mais informações: 272 325 126 | intercoolturas@amatolusitano-ad.pt

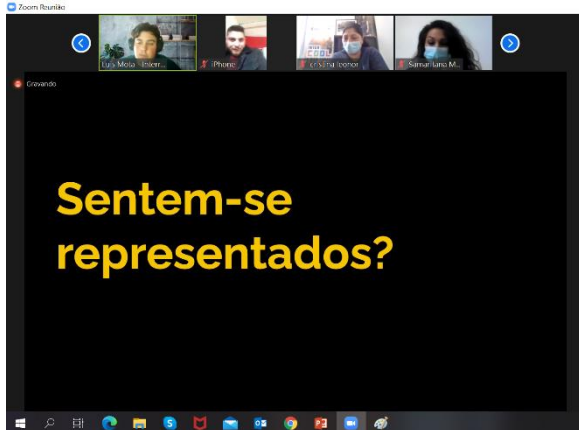
Amato Lusitano - Associação de Desenvolvimento

Projeto: InterCOOLturas – Mediadores Municipais e Interculturais (POISE-03-4233-FSE-000036)

Atividade: Participação Política: A Minha Voz

No passado dia 5 de março, pelas 16:30 horas, em parceria com o projeto InterrogAção, decorreu uma sessão online com o mote "Participação Política: A Minha Voz" com o objetivo de estimular a participação ativa das comunidades ciganas na política.

33



Objetivos específicos da sessão foram:

- Conhecer o contexto político e o próprio sistema;
- Fomentar a curiosidade para os temas políticos;
- Capacitar para a reflexão crítica sobre as problemáticas atuais;
- Promover a participação política ativa, de forma informada.

Durante a sessão envolvemos 7 elementos da comunidade cigana Albicastrense, numa conversa onde partilharam as suas principais angústias em relação ao poder político. Partilharam também estratégias e novas formas de integração da sua comunidade na sociedade.

Local: Castelo Branco, Amato Lusitano - Associação de

Desenvolvimento

Para mais informações: 272 325 126 | intercoolturas@amatolusitano-ad.pt

Amato Lusitano - Associação de Desenvolvimento

Projeto: InterCOOLturas – Mediadores Municipais e Interculturais (POISE-03-4233-FSE-000036) e Nós com os Outros - Escolhas 8ª geração



INTERCOOLTURAS

Entidade Promotora:



Entidade Parceira:



Divulgação: Resultados 2ª edição | Programa Roma Educa

É com imenso orgulho que comunicamos que a Amato Lusitano – Associação de Desenvolvimento, no âmbito dos projetos InterCOOLturas – Projeto de Mediadores Municipais e Interculturais e Nós com os Outros – Escolhas 8ª geração, viu aprovadas duas candidaturas ao Programa ROMA Educa.

O Alto Comissariado para as Migrações lançou a 2.ª edição do programa ROMA Educa, atribuindo 120 bolsas de estudo a nível nacional, para o apoio à frequência e permanência do 3.º ciclo do ensino básico e ensino secundário, a estudantes provenientes das comunidades ciganas para o ano letivo 2020/2021.

Sendo a educação considerada um pilar básico para o desenvolvimento pessoal e para a integração social das pessoas ciganas, a atribuição destas bolsas garantirá as condições e o apoio escolar necessário às famílias destes/as alunos/as.

Local: Castelo Branco, Amato Lusitano - Associação de Desenvolvimento

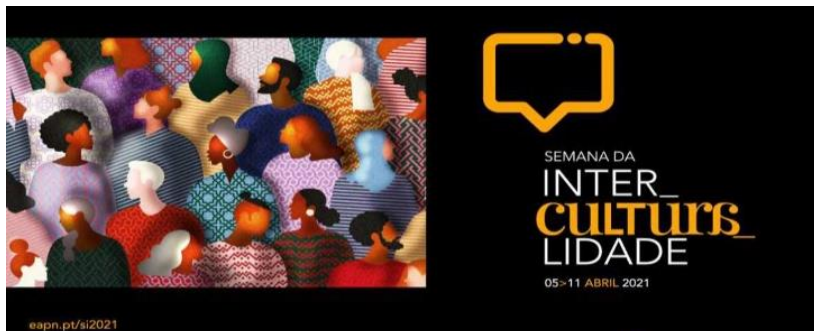
Para mais informações: 272 325 126 | intercoolturas@amatolusitano-ad.pt

EAPN- Rede Europeia Anti-Pobreza (c/ vários parceiros)

Atividade: Semana da Interculturalidade de 5 a 11 de abril de 2021

A EAPN Portugal tem vindo a desenvolver várias iniciativas no sentido de ativar e mobilizar a comunidade local para o combate à pobreza e exclusão social. As atividades realizadas neste âmbito têm sido bastante diversificadas, contando sempre com uma parceria alargada, fomentando, por um lado, uma maior sensibilização para a importância do combate à pobreza e da exclusão e, por outro lado, um maior incentivo ao trabalho em parceria e à criação de sinergias ao nível local. A interculturalidade, cada vez mais presente na nossa sociedade, exige um conhecimento mais aprofundado das várias culturas e diversidades que integra. É através do conhecimento de outras culturas e dos contactos que temos com essas culturas/diversidades que nos enriquecemos enquanto cidadãos.

Apostar na interculturalidade é acreditar que se pode aprender e enriquecer através do diálogo e da convivência com o outro. Foi neste entendimento que a EAPN Portugal tem vindo a desenvolver desde 2014 a Semana da Interculturalidade, com o intuito de sensibilizar os cidadãos para a necessidade de uma sociedade intercultural que tenha presente os valores da solidariedade; da não discriminação pela aparência, etnia, género ou nacionalidade; da igualdade; do respeito pela diferença e pela diversidade; da partilha e da inclusão, de forma a garantir uma cidadania mais inclusiva e mais igualitária. Em 2021 contamos mais uma vez com o apoio e a parceria do ACM – Alto Comissariado para as Migrações.



CICLO Online DE CONVERSAS INTERCULTURAIS * Inf: Graça Lourenço
porto@eapn.pt | 967 084 611
Direto no FACEBOOK www.facebook.com/eapnportugal

VULNERABILIDADES, LEGISLAÇÃO E RESPOSTAS DE APOIO PARA PESSOAS MIGRANTES E REFUGIADAS

5 de abril
18h30 às 20h00
Isabel Lima – Coordenadora do CNAIM Norte
Manuel Belino – Jurista do Gabinete de Apoio Jurídico do CNAIM Norte
Fernanda Silva – Coordenadora do Gabinete da Saúde do CNAIM de Lisboa
Diana Lopes – ISS.IP - Centro Distrital do Porto
Vanessa Branco – Coordenadora da Eq. Mult. Esp. de Assistência a Vítimas de Tráfico de Seres Humanos (EME Norte) APF Norte
Moderação: Paula Ferreira – Mediadora Municipal Intercultural JRS Portugal

DISCURSOS DE ÓDIO: COMO COMBATER E INFORMAR?

Apresentação de um conjunto de sensibilização # o discurso de ódio não é argumento, # daravultotexto
Marta José Vicente – Socióloga da EAPN Portugal e Miguel Joaquim Crindor Artístico
Pátricia Piná – Coordenadora do Gabinete de Apoio à CICDR (Comissão para a Igualdade e contra a Discriminação Racial)
Paulo Pina – Jornalista de Investigação do DH
Gabriela Moura – Psicoterapeuta, Psicodramatista e Professora Universitária
Joana Cabral – Dirigente da SOS Racismo
Moderação: Ana Sofia Figueiredo – Grupo de Jovens Promotor da Igualdade e da Saúde da Associação Plano i

INTERSECCIONALIDADE: RAÇA, ETNIA, CLASSE E GÉNERO

7 de abril
18h30 às 20h00
Alexandra Santos - Vice-Presidente do Instituto de Mulher Negra em Portugal (IMUNE)
Simone Amorim – Membro do “Coletivo Alentejo”
Alicia Femenia – Mulher Cigana Advogada Estagiária
Joana Peres – Mulher Cis, Feminista e Ativista dos Direitos LGBTI, Sócia da Cooperativa SEIES
Moderação: Tex Silva – Grupo de Jovens Promotor da Igualdade e da Saúde da Associação Plano i

INTERCULTURALIDADE EM ESPAÇOS EDUCATIVOS

Apresentação de documentação com @un@is de ComparaBIT e Bonfim, realizado por Carolina Neves
Catarina Reis Oliveira | Observatório das Migrações
Marta José Casu-Nova | Observatório das Comunidades Ciganas
Otília Paula Castro | Direção Municipal de Educação do Porto
Manuel António Oliveira | Agrupamento Escolas do Cerco
Ana Paula Pereira | AE António Malhe, Escola do Montebello
Joana Martins | Projeto Sinergi@is, Program. Escolhas
Sergio Afonso | DGEstE (a confirmar)
Moderação: Isabel Rita Costa – Coordenadora do projeto REDES, CLDS 4G

“E SE FOSSE CONTIGO? DESCONSTRUÇÃO DE MITOS E PRECONCEITOS SOBRE PESSOAS MIGRANTES E REFUGIADAS”

9 de abril
18h30 às 20h00
Glacina Mmazzonera – Coletivo Queer Tropical
Ghali Teta – Intérprete, mediadora intercultural do SJR e refugiada da SIRIA* confirmar
LeKris Cruz – Médica, humanitária e activista
Joana Topa - Plano I/ ISMAL/ CIEG
Moderação: Aline Flor – Jornalista



Distritos envolvidos: Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Porto, Portalegre, Vila Real, Viseu e a Região Autónoma da Madeira

Ver o programa completo no seguinte link: https://flashrede.blogspot.com/2021/03/blog-post_23.html

Ações em destaque relacionadas com as comunidades ciganas:

- “A História do Ciganinho Chico” pelo Teatro de Fantoques, 6 de abril, 15 horas, Matosinhos [EAPN em parceria com a ADEIMA – Associação para o Desenvolvimento Integrado de Matosinhos]

https://flashrede.blogspot.com/2021/03/semana-intercultural-porto-historia-do.html?sref=fb&fbclid=IwAR3kweH-SLI2P9kiLPdDP3NHV1EbkiJGAvRDEmTkzArepbqx66_10D9w4k8

- Sessão de Reflexão: “(R)Pensar as Estratégias de Intervenção a partir da própria comunidade”, 06 de abril 2021, 10h00-12h00; 09 de abril 2021, 10h00-12h00 – Parcerias explícitas no cartaz de divulgação. Sessão de reflexão dirigida a técnicos/as de intervenção social, que tem por objetivo partilhar experiências e dúvidas, num contexto informal, de confiança e sem julgamentos entre pares, facilitador de reflexões e aprendizagens mútuas, tendo por base intervenções em diferentes áreas junto das comunidades ciganas. Para assegurar uma maior representatividade de olhares e de género, para além do dinamizador, contará com a participação de duas mulheres das comunidades ciganas, uma das quais, uma jovem estudante. [EAPN em parceria com a ADEIMA – Associação para o Desenvolvimento Integrado de Matosinhos]



Sessão de Reflexão

"(R)Pensar as Estratégias de Intervenção a partir da própria comunidade"

06 de abril 2021 | 10h00_12h00

09 de abril 2021 | 10h00_12h00

Via Zoom

Sessão de reflexão dirigida a técnicos de intervenção social, que tem por objetivo partilhar experiências e dúvidas, num contexto informal, de confiança e sem julgamentos entre pares, facilitador de reflexões e aprendizagens mútuas, tendo por base intervenções em diferentes áreas junto das comunidades ciganas. Para assegurar uma maior representatividade de olhares e de género, para além do dinamizador, contará com a participação de duas mulheres das comunidades ciganas, uma das quais, uma jovem estudante.

Dinamizador – Bruno Prudêncio, português, de etnia cigana, Mediador Municipal e Intercultural, no Projeto de Mediadores Municipais e Interculturais do Porto.

INSCRIÇÕES

Sujeita a inscrição prévia, por e-mail – mediacao.alp@gmail.com

No ato da inscrição recomenda-se o envio de questões, dúvidas e comentários.

Limitada a um número máximo de 25 participantes cada sessão

06 de abril 2021 | 10h00_12h00_ inscrições encerradas

09 de abril 2021 | 10h00_12h00_ inscrições abertas

+ Informações

Bruno Prudêncio - mediacao.alp@gmail.com



- "Sessões Romi: inspiração para ação", 6 abril, 15 horas, Peso da Régua
<https://flashrede.blogspot.com/2021/03/semana-da-interculturalidade-vila-real.html?pref=fb&fbclid=IwAR2ti9QDb96WyHtTJTOLULo-qkIfFW-KQ51WIOJBv44pc85LFhds70lv81s>

- "Discurso do Ódio: Como combater e informar", 6 de abril, 18h30, Online
https://flashrede.blogspot.com/2021/03/blog-post_13.html

- "Interseccionalidades: raça, etnia, classe e género", 7 de abril, 18h30, Online
https://flashrede.blogspot.com/2021/03/semana-da-interculturalidade-porto_9.html

- "VULNERABILIDADES - da (in)visibilidade dos direitos das crianças e jovens ciganos! Espreite o olhar da fotógrafa Liliana Gonçalves!" Em Portalegre.
<https://flashrede.blogspot.com/2021/03/vulnerabilidades-da-invisibilidade-dos.html>

Para mais informações: +351 225 420 800 | geral@eapn.pt

ANIMAR - Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local, Lisboa

Projeto: Grupo de Trabalho relativo às comunidades ciganas

Atividade: no âmbito do Grupo de Trabalho relativo às comunidades ciganas, a Animar produziu dois documentos que poderão ser descarregados em versão pdf. Este grupo de trabalho esteve em funcionamento em 2020 e continuará o seu trabalho durante este ano, com a participação de cerca de 15 pessoas ligadas à REDE ANIMAR e em articulação com algumas organizações de âmbito nacional como é o caso da EAPN e algumas organizações representantes das comunidades ciganas.



Para aceder à publicação “Comunidades Roma/Ciganas - Recursos Técnico-Pedagógicos”:

<https://www.animar-dl.pt/recursos/pela-integracao-das-comunidades-ciganas/>

Nesta publicação estão reunidos um conjunto de materiais (livros, brochuras, vídeos, sites, etc.) sobre as populações ciganas, refletindo tanto as suas culturas e pontos de vista, como os preconceitos existentes na sociedade portuguesa relativamente a estes portugueses.

Para aceder à publicação “Comunidades Roma/Ciganas (Pensar as políticas públicas)”:

<https://www.animar-dl.pt/recursos/comunidades-ciganas-recursos-tecnico-pedagogicos/>

Nesta publicação, da responsabilidade do Grupo de Trabalho da Animar para as comunidades ciganas, são apresentadas um conjunto de propostas de políticas públicas dirigidas a estas comunidades nas áreas da habitação, educação, saúde, emprego e formação.

Para mais informações: celia.lavado@animar-dl.pt

ADC Moura – Associação para o Desenvolvimento do Concelho de Moura

Projeto: *Jornal da Nossa Terr@*

Atividade: Na edição de 15 de março de 2021 dá-se a conhecer “os resultados do inquérito à comunidade cigana do concelho de Moura, realizado no final de 2020, com comentários de Sónia Pereira, Olga Magano, Bruno Gonçalves, Isabel Gaivão, Tiago Mota Saraiva, Carlos Medinas.”

Para mais informações:

<https://adcmoura.pt/participo/wp-content/uploads/2021/03/JORNAL-DA-NOSSA-TERR@-7.pdf?fbclid=IwAR3aiGDDqrDQhKJqWQMk4hJm5A9ggpB4IzYGwJaYzkVvT7NAqO5Wq3ZoW6M>
 ou https://issuu.com/adcmoura/docs/jornal_da_nossa_terr_7?fbclid=IwAROC1mU-7jqTk5v7fEeJ1LSsF6DrONST8BkH6o4ciXXK8GL4EGjnuK-xhw



IV) Eventos e Relatórios Nacionais e Internacionais



Parlamento Europeu
European celebration of 50th Anniversary of the First International Romani Congress
 8 de abril de 2021

Para mais informações:

https://www.romeo-franz.eu/european-celebrations-of-50th-anniversary-of-the-international-romani-congress/?fbclid=IwAR3kbAgW_iKYMAu2Ah4sNt0ZBWsvmbTvRrzyIBU2LsJcQ0XMQUUqKKPdQK0



Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia
Working together for Roma rights - Online conference on Roma equality, inclusion and participation in the EU
 15 de abril de 2021 (Inscrições até ao dia 12 de abril)

Para mais informações:

<https://www.consilium.europa.eu/en/events-gsc/conference-working-together-for-roma-rights-15-04-2021/>



Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES) do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE), Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, com o apoio da Associação Portuguesa de Sociologia (APS)
Seminário Nacional "Ciganos Portugueses: Cidadania e Educação", 12 e 13 de abril de 2021 (Inscrições até ao dia 11 de abril)

Para mais informações: <https://www.dge.mec.pt/noticias/ciganos-portugueses-cidadania-e-educacao>



CHACHIPEN
 Remembrance, Recognition,
 Justice and Trust-Building

CEPS, European Roma Grassroots Organisations (ERGO) Network, Central Council of German Sinti and Roma, Federación de Asociaciones Gitanas de Cataluña (FAGIC), Asociação Fast Forward, ARESEL Network of Romania
CHACHIPEN, Truth and Reconciliation Process to address antigypsyism in Europe: Remembrance, Recognition, Justice and Trust-Building, 29 de

março de 2021

Para mais informações:

<https://www.ceps.eu/ceps-events/chachipen-project-launch-event-in-a-run-up-for-50th-international-roma-day/>
 e https://www.ceps.eu/wp-content/uploads/2021/03/CHACHIPEN_kick-off-conference-programme_final-draft_updated.pdf



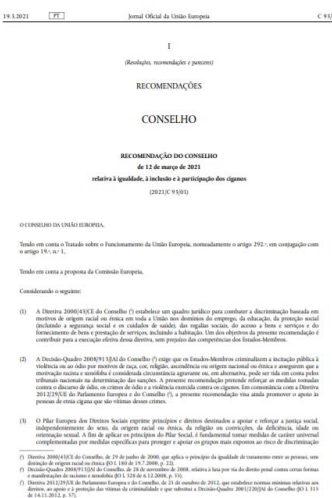
Department of Romani Studies at Södertörn University,
 Roma Program of the FXB Center at Harvard University, Romani Studies Program
 Program at Central European, University Roma Students Association at Central
 European University
The Social, Cultural, and Political Legacy of the 1971 World Roma Congress, de 5
 a 7 de abril de 2021
 Para mais informações:
[https://romanistudies.ceu.edu/roma-
 day?fbclid=IwAR0NVL1lGTvF3Mmv3ja7n6JVdAxzFXBqhuKeU6dh_PL5ja7aFqsPc8mclSc](https://romanistudies.ceu.edu/roma-day?fbclid=IwAR0NVL1lGTvF3Mmv3ja7n6JVdAxzFXBqhuKeU6dh_PL5ja7aFqsPc8mclSc)



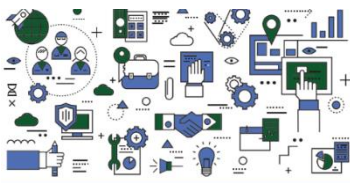
European Commission against Racism and Intolerance (ECRI)
Roma Youth: Together for Emancipation and Empowerment, de 7
 a 9 de abril de 2021
 Para mais informações:
<https://eriac.org/call-for-participants/>



European Union Agency for Fundamental Rights (FRA)
 Migration Policy Institute e Fundação Calouste Gulbenkian (Organização)
Strengthening Diversity in Portuguese Policing (Rights areas: Hate crime;
 Equality, non-discrimination and racism), 18 de janeiro de 2021
 Para mais informações: [https://fra.europa.eu/en/event/2021/strengthening-
 diversity-portuguese-policing](https://fra.europa.eu/en/event/2021/strengthening-diversity-portuguese-policing)



Conselho da União Europeia
*Recomendação do Conselho de 12 de março de 2021 relativa à igualdade, à
 inclusão e à participação dos ciganos (2021/C 93/01)*
 Sinopse: “Um dos objetivos da presente recomendação é confirmar o
 empenhamento a longo prazo nos objetivos comuns em matéria de igualdade,
 inclusão e participação dos ciganos e traçar orientações renovadas e reforçadas,
 definindo as medidas que os Estados-Membros podem adotar para alcançar esses
 objetivos.”
 Data de publicação: 12 de março de 2021
 Recomendação disponível para consulta em:
[https://eur-lex.europa.eu/legal-
 content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32021H0319\(01\)&from=EN](https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32021H0319(01)&from=EN)



EAPN Portugal

Para a Inclusão no Mercado de Trabalho das Comunidades Ciganas. Referencial técnico

Sinopse: “O presente Referencial apresenta-se como um instrumento resultante em primeira instância da experiência dos três Projetos ACEDER, mas também como uma ferramenta de benchmarking de onde sobressaem os princípios e condições adequadas e necessárias para se fazer melhor e diferente com vista a alcançar os melhores resultados. Ao longo do referencial é também dado destaque às vozes de formandos, mediadores e profissionais que estiveram envolvidos nos projetos com o objetivo de refletir na primeira pessoa as aprendizagens adquiridas, mas também as dificuldades sentidas e as soluções apresentadas.”

Data de publicação: 2020

Recomendação disponível para consulta em: <https://www.eapn.pt/publicacao/240/para-a-inclusao-no-mercado-de-trabalho-das-comunidades-ciganas-referencial-tecnico>



European Roma Grassroots Organisations (ERGO) Network

Roma Inclusion in the Community-Led Local Development (CLLD) Cycle 2014-2020

Sinopse: “Community-Led Local Development (CLLD) is an initiative for involving citizens at local level in developing responses to today’s social, environmental, and economic challenges, and a promising tool for investing in Roma inclusion. Unemployment, poverty, and social exclusion, which are key topics for Europe’s Roma, are among the challenges that the EU has identified for CLLD. Approved CLLD strategies can mean that significant EU funds are available for several years to support those activities and investments that matter the most. The European Commission equally expects CLLD to give ownership to beneficiaries, with a special focus on marginalized communities, through capacity building, empowerment, full transparency, and sharing of the decision-making power.”

Data de publicação: dezembro de 2020

Recomendação disponível para consulta em:

<https://ergonetwork.org/2021/03/roma-inclusion-in-the-community-led-local-development/>



European Roma Grassroots Organisations (ERGO) Network

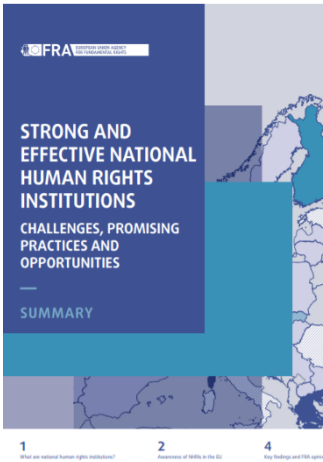
Community-led Local Development (CLLD) for Roma Inclusion Evaluation Report 2014-2020

Sinopse: “For this report, ERGO Network members conducted research in three key countries (Bulgaria, the Czech Republic, and Romania), based on a comprehensive questionnaire, filled in during Autumn 2020. The present evaluation concerns the CLLD cycle throughout the overall programming period 2014-2020, still under implementation at the time of data collection. The exercise intended to assess the extent to which Roma inclusion was mainstreamed throughout the CLLD processes, in what concerns both the content of the activities, as well as stakeholder involvement, with the aim to formulate recommendations and proposals to increase Roma participation for the next cycle. At the same time, our intention is to bring up good practices and examples of successful initiatives that were implemented – or initiated and are still under implementation – under the CLLD umbrella.”

Data de publicação: dezembro de 2020

Recomendação disponível para consulta em:

<https://ergonetwork.org/wp-content/uploads/2021/03/ERGO-Network-evaluation-of-the-2014-2020-CLLD-cycle-designed.pdf>



European Union Agency for Fundamental Rights (FRA)

Strong and effective national human rights institutions: challenges, promising practices and opportunities — Summary

Sinopse: “National Human Rights Institutions (NHRIs) are a vital part of the country-level human rights protection system. By raising awareness, providing advice, monitoring and holding authorities to account, they have a central role in navigating the great human rights challenges of our day – tackling both persistent concerns like discrimination and inequality, and novel issues such as the rights implications of artificial intelligence and of the COVID-19 pandemic.”

Data de publicação: 21 de janeiro de 2021

Recomendação disponível para consulta em:

https://fra.europa.eu/en/publication/2021/strong-and-effective-national-human-rights-institutions-challenges-promising?pk_campaign=FRA-Alerts-Newsletter&pk_source=newsletter



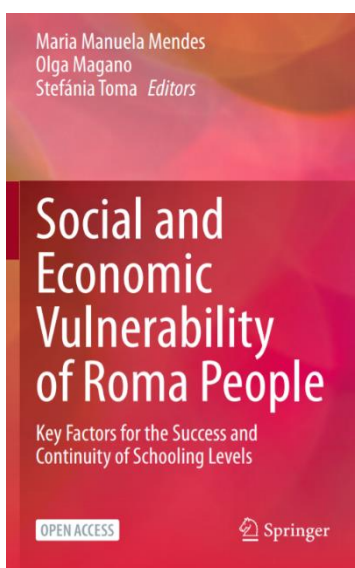
Human Rights Council

Report of the Special Rapporteur on minority issues

Sinopse: “In the present report, the Special Rapporteur on minority issues, Fernand de Varennes, provides an overview of his activities since his previous report (A/HRC/37/66), and a thematic report in which he addresses the widespread targeting of minorities through hate speech in social media. He describes related phenomena, including the widespread denial or failure of State authorities to recognize or effectively protect minorities against prohibited forms of hate speech. He concludes by emphasizing the responsibility of States, civil society and social media platforms to acknowledge that hate speech is mainly a minority issue and, as a matter of urgency, their duty to take further steps towards the full and effective implementation of the human rights obligations involved.”

Data de publicação: 3 de março de 2021

Publicação disponível para consulta em: https://minorityrights.org/wp-content/uploads/2021/03/A_HRC_46_57.pdf



Maria Manuela Mendes, Olga Magano e Stefânia Toma (Ed.)

Social and economic vulnerability of Roma people

Sinopse: “This open access volume provides an understanding of the different aspects of success, school continuity and social mobility among European Roma, including the motives justifying the high rates of school dropout and failure among this group. It offers a critical and reflexive perspective about social reality from a multidisciplinary and transversal point of view, sharing knowledge and practices in different countries about the articulations between Roma families, individuals, school and public policies. Over time, there has been an increase in the educational attainment of European citizens, but there are still persistent inequalities between Roma and non-Roma, including gender inequalities, which greatly affect Roma women. The volume explores the issue of Roma education and includes chapters from Western European, South and Central and Eastern European researchers using different theoretical and methodological perspectives. The intersection of this diversity and plurality of standpoints makes possible to obtain a comprehensive view on the education and schooling of European Roma.”

Data de publicação: 2021

Publicação disponível para consulta em: <https://link.springer.com/book/10.1007%2F978-3-030-52588-0>



Olga Magano e Maria Manuela Mendes (Org.)

Ciganos em Portugal, Espanha e Brasil: Analisando contextos, demandas e processos identitários

Sinopse: “Nos dias 3 e 4 de junho 2019 realizou-se o Seminário Internacional Ciganos em Portugal, Espanha e Brasil: analisando contextos, demandas e processos identitários no Iscte-Instituto Universitário de Lisboa. (...) Desse seminário resultou o e-book que agora se publica, com textos de alguns dos participantes. O ebook está organizado em 4 partes: na primeira parte é feita uma abordagem sobre desafios metodológicos na investigação sobre ciganos e no hiato que existe entre a teoria e a investigação empírica, na segunda parte são apresentados alguns contributos que nos ajudam a conhecer questões relacionadas com percursos escolares e literacia, na terceira parte são referenciadas dimensões sobre a fomentação do ativismo cigano e mobilizações de emancipação. Por fim, na quarta parte são trazidos dois contributos sobre as dinâmicas de casamento e também uma reflexão sobre o envelhecimento.”

Data de publicação: 2020

Publicação disponível para consulta em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/21055/1/Ciganos%20em%20Portugal%2c%20Espanha%20e%20Brasil_eBook_VF1_19dez_com%20DOI.pdf



Open Society Foundations

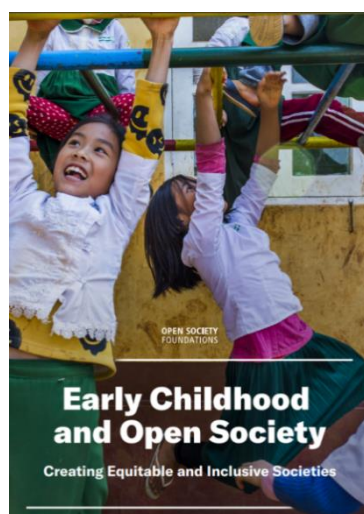
The Time Is Now. Funding diverse, equitable, and inclusive youth fellowships

Sinopse: “The Time Is Now: Funding Diverse, Equitable, and Inclusive Youth Fellowships argues that, in order to expand the leadership pipeline of young activists from impacted communities and support youth with the lived experience of shifting power, fellowships need to be rooted in equity. The guide has been drawn from the experiences of the Open Society Foundations’ Youth Exchange and its grantees, and it is primarily intended for funders. The insights, practical guidance, and suggestions it offers, however, will be valuable to any practitioner who wishes to help remove the structural barriers facing youth activists all over the world today.”

Data de publicação: março de 2021

Publicação disponível para consulta em:

<https://www.opensocietyfoundations.org/publications/the-time-is-now>



Open Society Foundations

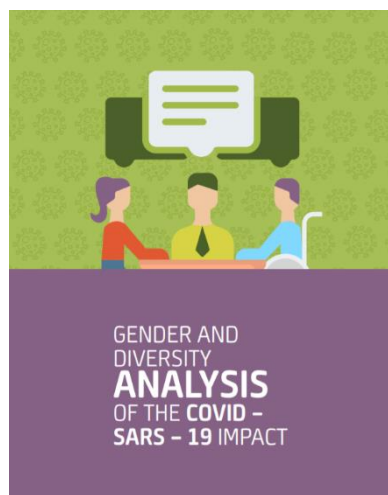
Early Childhood and Open Society. Creating equitable and inclusive societies

Sinopse: “Since the early 1990s, the Open Society Foundations have supported early childhood development, recognizing it as a prerequisite for sustainable political and social change—with a focus not only on young children, but on parents, caregivers, and the wider community. This report commemorates the Open Society Early Childhood Program, which, from its inception in 1994 to its conclusion in 2020, advanced the rights of young children by supporting ambitious initiatives and advocacy to reshape early childhood development practices and institutions, on the one hand, and scale up the power and capacity of civil society groups, on the other. In addition to an in-depth timeline of the program’s accomplishments, this report also features commemorations from Open Society Foundations Global Chair and Founder George Soros and Early Childhood Program Advisory Board Chair Phyllis R. Magrab.”

Data de publicação: dezembro de 2020

Publicação disponível para consulta em:

<https://www.opensocietyfoundations.org/publications/early-childhood-and-open-society>



OSCE Organization for Security and Co-operation in Europe Mission to Skopje

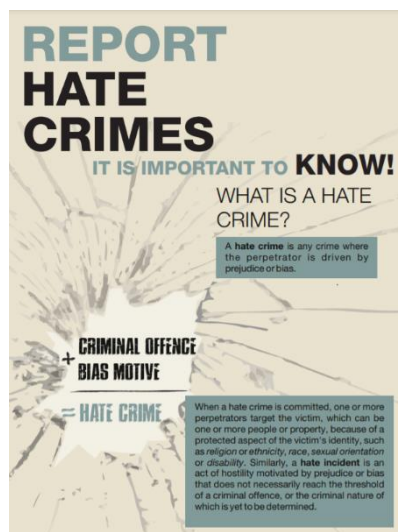
Organization for Security and Co-operation in Europe (OSCE)

Gender and diversity analysis of COVID-SARS-19 impact

Sinopse: “The Analysis explores the multidimensional approach and complexity of the introduced measures during the pandemic on gender and diversity in North Macedonia. The first chapter provides an overview of the gender analysis of measures adopted by the Government from human rights perspective, while the second chapter focuses on the participation of women and men in the labor market, violence against women, participation of women and men in decision-making in the COVID-19 response, etc. The third chapter presents and analyses the gender gaps created by COVID-19 response, while the final chapter includes proposals for measures to be taken in the post-COVID-19 period. The Analysis was developed by the OSCE Mission to Skopje in partnership with the Centre for Research and Policy Making (CRPM) and the CSOs Radar, Polio Plus, Rural Coalition, and the National Network to End Violence against Women and Domestic Violence.”

Data de publicação: março de 2021

Publicação disponível para consulta em: <https://www.osce.org/mission-to-skopje/480401>



Organization for Security and Co-operation in Europe (OSCE)

Report Hate Crimes

Sinopse: “It is important to know what is a hate crime. When a hate crime is committed, one or more perpetrators target the victim, which can be one or more people or property, because of a protected aspect of the victim's identity, such as religion or ethnicity, race, sexual orientation or disability. Similarly, a hate incident is an act of hostility motivated by prejudice or bias that does not necessarily reach the threshold of a criminal offence, or the criminal nature of which is yet to be determined. A hate crime is any crime where the perpetrator is driven by prejudice or bias. Criminal offence + bias motive = hate crime”

Data de publicação: março de 2021

Publicação disponível para consulta em: <https://www.osce.org/mission-to-bosnia-and-herzegovina/480125>

Gender Mainstreaming for Gender Equality

- Manual for planning and implementation of gender mainstreaming into project interventions -



Author: Jarmila Bejak Stanko

Roma Education Fund

Gender Mainstreaming for Gender Equality - Manual for planning and implementation of gender mainstreaming into project interventions -

Sinopse: “The overall objective of the Project is to contribute to social inclusion and poverty reduction of Roma in Albania and Kosovo through support of vocational education and training, facilitation to labor market and empowering stakeholders to take measures to support the transition of Roma to employment. It was recognized that it is necessary to integrate a gender perspective into the Project in order to be able to achieve this important goal. (...) Therefore, the purpose of this Manual is to provide Project staff and partners the guidelines and orientation on the gender mainstreaming strategy and a practical guidance on how to integrate gender into the project cycle in project planning, implementation, monitoring and evaluation.”

Data de publicação: 2021

Publicação disponível para consulta em: [https://www.romaeducationfund.org/wp-content/uploads/2021/02/GENDER-](https://www.romaeducationfund.org/wp-content/uploads/2021/02/GENDER-MAINSTREAMING-MANUAL.pdf)

[MAINSTREAMING-MANUAL.pdf](https://www.romaeducationfund.org/wp-content/uploads/2021/02/GENDER-MAINSTREAMING-MANUAL.pdf)

**COUNTRY ASSESSMENT RESEARCH
ALBANIA**

- An overview of the situational, legal, and institutional framework of VET education and development in Albania -



Author: Ina Kokedhima

February 2021

Roma Versitas Albania and Roma Education Fund (REF)

Country Assessment Research Albania. An overview of the situational, legal, and institutional framework of VET education and development in Albania

Sinopse: "This study was developed by Roma Versitas Albania in the framework of the project "Education, Employment, Partnership, and Gender Equality: A Winning Formula for Roma in Vocational Education and Training", a project implemented by Roma Education Fund and funded by the Austrian Development Cooperation. Inspired by the positive achievements of Roma students from the educational program implemented by the Roma Education Fund, as well as to improve the current programs being implemented by the Government of Albania in relation to Vocational Education and Training, it was agreed to take the first step to research how and to what extent are the VET policies implemented in Albania, how are these policies conceived by a Roma student, what do the representatives of the public institutions recommend? In the preparation of the study methodology, we also relied on the national practices of VET, thus wanting to present a product that is as valuable and updated from the research point of

view."

Data de publicação: fevereiro de 2021

Publicação disponível para consulta em:

<https://www.romaeducationfund.org/wp-content/uploads/2021/02/WinForVET-CountryAssessmentResearchALBANIA.pdf>

**COUNTRY ASSESSMENT RESEARCH
KOSOVO**

- An overview of the situational, legal, and institutional framework of VET education and development in Kosovo -



Author: Driton Zeqiri

February 2021

Roma Versitas Kosovo and Roma Education Fund (REF)

Country Assessment Research Kosovo. An overview of the situational, legal, and institutional framework of VET education and development in Kosovo

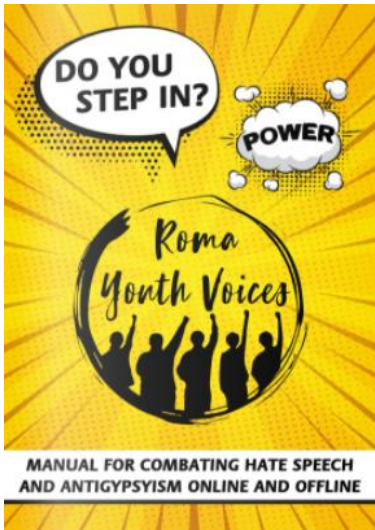
Sinopse: "The purpose of this report is to provide stakeholder with resources to view a wide range of aspects about VET in Kosovo, and therefore further support these stakeholders in building on the existing legal and policy framework and to facilitate enhanced VET development in Kosovo. This report provides an overview of the situational, legal, and institutional framework of VET education and development in Kosovo while incorporating experience and observations from the field. Of particular importance, the report assesses the situation in the context of the intersection between VET and employment. Within the context of the project "Education, Employment, Partnerships and Gender Equality: A Winning Formula for Roma in VET", this report is intended as a useful early step in the process. This research will also contribute to the project inception phase,

where the country assessment will be valuable for providing baseline data related to Roma in VET, and for contributing to development of a specific policy shaping/recommendation package for authorities responsible for education and employment. The policy recommendations will put in place the mechanism for the project partners to continue to monitor policy initiatives beyond the scope of this project."

Data de publicação: fevereiro de 2021

Publicação disponível para consulta em:

<https://www.romaeducationfund.org/wp-content/uploads/2021/02/WinForVET-CountryAssessmentResearchKOSOVO.pdf>



Phiren Amenca International Network

Do You Step In? – Manual for combating hate speech and antigypsyism online and offline

Sinopse: “Phiren Amenca International Network works to challenge discrimination, racism and antigypsyism through its activities at all levels. The specific topic for this publication, hate speech, was chosen because of its significant effect especially on the lives of young Roma. In the European context, Roma and LGBTQIA+ communities are primary targets of hate speech, not only on racist websites, but also in mainstream and social media and in political communication. With this publication, we would like to support Roma and non-Roma organizations and activists to better understand, recognize and effectively react when they encounter hate speech. This publication includes background information on the concept, non-formal educational methods, tips and tricks to use with young Roma and non-Roma people on how to be active against hate speech. At the end of the publication a glossary helps readers to understand the

different concepts and terms which could support building discourses and activism against hate speech.”

Data de publicação: 10 de dezembro de 2020

Publicação disponível para consulta em:

<https://phirenamenca.eu/do-you-step-in-manual-for-combating-hate-speech-and-antigypsyism-online-and-offline/>



Phiren Amenca International Network

Best European Roma Youth Projects 2020 – Booklet

Sinopse: “This booklet contains some unique and empowering European Roma youth projects selected from the Best European Roma Youth Project 2020 Award applications. The Phiren Amenca International Network, together with the ternYpe Roma Youth Network announced their call for applications for the “European Roma Youth Project Award 2020” in late 2019, as part of the Roma Youth Voices project, funded by the Rights, Equality and Citizenship Programme (2014-2020) of the DG

Justice, European Commission.”

Data de publicação: 10 de dezembro de 2020

Publicação disponível para consulta em:

<https://phirenamenca.eu/best-european-roma-youth-projects-2020-booklet/>



Phiren Amenca International Network

Volunteering as a Tool for Roma Youth Participation – A Guide for Recruiting, Supporting Young Roma Volunteers, and Maintaining Active Engagement

Sinopse: “As a result of the Study Session held in October and an international Networking Meeting in November, 2019, Phiren Amenca International Network, together with youth workers of our member and partner organisations compiled a document. It includes useful tips and ideas for youth workers as well as organisations on how to involve and support young people with fewer opportunities in volunteering and in local and international youth work.”

Data de publicação: 28 de janeiro de 2020

Publicação disponível para consulta em:

<https://phirenamenca.eu/volunteering-as-a-tool-for-roma-youth-participation/>

OCTOBER 2019
Volunteering as a Tool for Roma Youth Participation
 A Guide for Recruiting, Supporting Young Roma Volunteers, and Maintaining Active Engagement
 PREPARED BY PHIREN AMENCA INTERNATIONAL NETWORK

Portugal, Balanço Social 2020
Um retrato do país e dos efeitos da pandemia

SUSANA PERALTA, BRUNO P. CARVALHO, MARIANA ESTEVES



ESRI | Fundação Calisto Tanzi | NQVA
SOCIAL EQUITY INITIATIVE

NQVA
Observatório das Políticas
Knowledge Center

Susana Peralta, Bruno P. Carvalho e Mariana Esteves

Portugal, Balanço Social 2020. Um retrato do país e dos efeitos da pandemia

Sinopse: Este relatório traça e apresenta “um retrato da pobreza e exclusão social nas suas múltiplas facetas: pobreza monetária, acesso à educação, alimentação adequada, estado de saúde, integração laboral, participação política e envolvimento social, todas elas elementos essenciais do bem-estar individual e do progresso social. (...) A pandemia covid-19 que chegou a Portugal em março de 2020 mudou os termos do debate sobre a pobreza e a exclusão social. (...) Já é possível perceber que o retrato socioeconómico das famílias portuguesas antes e depois da pandemia não é igual. Assim, reunimos diferentes fontes de informação (...) para analisar como a pandemia afetou os portugueses, em especial, os mais pobres.

Data de publicação: fevereiro de 2021

Publicação disponível para consulta em:

<https://www2.novasbe.unl.pt/Portals/0/Files/Reports/Portugal%2C%20Balanco%20Social%202020-Relatorio.pdf>



GUÍA DIDÁCTICA
EN 6 SESIONES

**Uso de las redes
sociales para combatir
el Antigitanismo**

Universitat Rovira i Virgili (Coord.)

Uso de las redes sociales para combatir el Antigitanismo. Taller para mujeres gitanas

Sinopse: “Esta guía se elaboró en base al taller ‘Uso de las redes sociales para combatir el Antigitanismo’, realizado en octubre de 2020 con 15 jóvenes mujeres gitanas de todo el estado español. Aunque inicialmente fue diseñado para ser impartido presencialmente, el taller se realizó en 6 sesiones online, a causa de las medidas sanitarias relacionadas con la pandemia del Coronavirus. Las participantes se conectaron cada martes y cada jueves durante tres semanas para intercambiar experiencias y aprendizajes entre ellas y con las y los talleristas.”

Data de publicação: fevereiro de 2021

Publicação disponível para consulta em: https://rromanipativ.info/wp-content/uploads/2021/02/Uso-de-las-redes-sociales-para-combatir-el-antigitanismo_digital-1.pdf